

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA**  
**LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO FÍSICA**

Janaina Bezerra Pereira

**Gênero na Educação Física Escolar: a prática do futsal na contemporaneidade**

Brasília

2017

Janaina Bezerra Pereira

**Gênero na Educação Física Escolar: a prática do futsal na contemporaneidade**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Área de habilitação: Licenciatura em Educação Física

Orientador: Prof. Dr. Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo

Brasília

2017

Ficha catalográfica elaborada automaticamente, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

BJ33g Bezerra Pereira, Janaina Gênero na Educação Física  
Escolar: a prática do futsal na contemporaneidade / Janaina  
Bezerra Pereira; orientador Pedro Osmar Flores de Noronha  
Figueiredo. -- Brasília, 2018. 50 p.

Monografia (Graduação - Licenciatura Educação Física) -  
Universidade de Brasília, 2018.

1. Gênero. 2. Educação Física Escolar. 3. Futsal. I.  
Flores de Noronha Figueiredo, Pedro Osmar, orient. II.  
Titulo.



Janaina Bezerra Pereira

**Gênero na educação física escolar: a prática do futsal na contemporaneidade**

Trabalho de Conclusão de Curso de licenciatura apresentado à Faculdade de Educação Física da Universidade de Brasília como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Educação Física.

Aprovado em: 19 de fevereiro de 2018

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Ms. Daniel Cantanhede Behmoiras  
FEF-UNB

---

Prof. Dr. Pedro Osmar Flores de Noronha Figueiredo  
(orientador)  
SEDF/FEF-UNB

## **Gênero na Educação Física Escolar: a prática do futsal na contemporaneidade**

**Janaína Bezerra Pereira**

O objetivo desse estudo foi de compreender, problematizar e identificar as questões de gênero e discriminação feminina em aulas de futsal futebol, que ainda são consideradas tabus dentro das instituições escolares. Considerando a inserção da mulher na sociedade buscamos captar se na visão das praticantes de futsal existe alguma diferença de gênero, que no Brasil se apresenta em sua história e cultura, de forma hegemônica, com prática corporal masculina. As informações foram extraídas por técnicas de revisão bibliográfica e um estudo de campo em duas escolas públicas do Distrito Federal, com coleta de dados por intermédio de um questionário estruturado com 14 questões composto apenas por questões fechadas, voltadas à Educação Física Escolar, que aborda questões de gênero na Educação Física e um grupo focal direcionado ao futsal, à sexualidade, questões familiares e dificuldades enfrentadas fora da escola. As praticantes mostram o tamanho desrespeito sofrido dentro da modalidade, o que as coloca em segundo plano no país do futebol, com pouca visibilidade e valores negativos agregados às praticantes, impostos pela sociedade. Ainda assim diante de um péssimo histórico cultural desse esporte relacionado às mulheres, nota-se que a modalidade vem ganhando mais adeptas à prática e uma maior aceitação por parte de amigos e das mães que resistiam por pensarem que o futebol influencia na sexualidade de suas filhas. Nota-se também o surgimento de escolinhas de futsal voltadas apenas para o público feminino, coisa que praticamente não existia. Por fim, desmitificar um ambiente repleto de preconceito, discriminação, machismo e ressaltar a luta por igualdade, aceitação, esforço e dedicação de quem pratica, ainda se apresenta como tarefa importante na Educação Física Escolar.

**Palavras chaves:** Gênero, Educação Física Escolar, Futsal

## SUMÁRIO

<b>LISTA DE GRÁFICOS.....</b>	<b>7</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>8</b>
<b>OBJETIVOS .....</b>	<b>10</b>
Objetivo geral.....	8
Objetivos específicos.....	8
<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>10</b>
<b>CAPÍTULO 1 - GÊNERO NA ESCOLA E NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR.....</b>	<b>13</b>
1.1 Surgimento do questionamento acerca do gênero na sociedade global.....	13
1.1.1 A discussão e o enfrentamento da questão de gênero no ambiente escolar.....	14
1.2 As relações de gênero nas aulas de Educação Física .....	16
1.2.1. Perfil e Histórico de meninas estudantes do Ensino Médio e praticantes de futsal do Distrito Federal.....	17
1.2.2. Questões de gênero na Educação Física escolar no Distrito Federal .....	20
1.2.3 O futsal como conteúdo da educação física escolar e a separação de turmas por gênero.....	22
1.3 Sexualidade e futebol: Questionamentos sobre orientação sexual.....	24
<b>CAPÍTULO 2 - MULHER E FUTEBOL .....</b>	<b>26</b>
2.1. A inserção da mulher no futebol .....	27
2.1.1 História do futebol feminino na sociedade .....	28
2.1.2 O futebol feminino na atualidade.....	28
2.2 Ídolos, influências e o desejo de se tornar profissional .....	30
2.3 Incentivo dos pais e amigos quanto a prática esportiva do futebol e futsal .....	32
<b>CONCLUSÃO.....</b>	<b>34</b>
<b>BIBLIOGRAFIA .....</b>	<b>37</b>
<b>Apêndice A .....</b>	<b>39</b>
<b>Anexo A .....</b>	<b>46</b>

## **LISTA DE GRÁFICOS**

<b>Gráfico 1- Idade Escolar.....</b>	<b>15</b>
<b>Gráfico 2 - Tempo de Prática de Futsal .....</b>	<b>16</b>
<b>Gráfico 03 - Tempo de Prática de Futsal na Escola .....</b>	<b>17</b>
<b>Gráfico 04 - Discriminação em Sala de Aula .....</b>	<b>19</b>
<b>Gráfico 05 - Separação de Turma entre Meninos e Meninas .....</b>	<b>21</b>
<b>Gráfico 06 - Conteúdos Presentes no Questionário .....</b>	<b>22</b>
<b>Gráfico 07 - Ídolos no Futsal/Futebol .....</b>	<b>29</b>
<b>Gráfico 8 - Presença do Incentivo dos Pais quanto a Prática esportiva .....</b>	<b>32</b>



## INTRODUÇÃO

O estudo de questões que envolvem o gênero, principalmente durante o processo de ensino escolar, tem sido cada vez mais frequente e debatido na sociedade. Em virtude da importância do tema para o desenvolvimento humano, é preciso que a academia promova o debate para tal temática, ainda que acompanhada por diversas polêmicas e opiniões contraditórias, a fim de influenciar positivamente a formação de cidadãos e incentivar o respeito aos direitos humanos e seus valores, sem quaisquer tipos de preconceitos ou discriminações.

Este estudo trata, especificamente, da abordagem de gênero em torno das aulas de Educação Física Escolar, buscando como as questões de gênero podem ser percebidas e sentidas por alunos durante a prática de uma modalidade esportiva como o futsal. Além disso, o estudo busca demonstrar como surgem os principais preconceitos e discriminações no esporte, as situações que ocorrem com mais frequência e apontar meios de combate e diálogo diante de situações extremas.

Iniciei minha vida acadêmica muito nova e ingressei na Faculdade de Educação Física por ser algo com o qual eu me identificava e realmente queria. Sempre gostei muito de todos os tipos de esportes, mas tinha uma preferência notável pelo futsal, pois era o esporte que eu sentia mais prazer em praticar e o ambiente no qual eu me encontrava era acolhedor, já que eu era a única menina da rua, além dos meninos, que jogava futsal. Ao ingressar na UnB pensei em procurar o time de futsal, porém sofri um rompimento do ligamento cruzado e isso me afastou da paixão esportiva por muito tempo, período no qual fiquei cerca de um ano sem jogar e desde então tive medo de voltar a praticar qualquer outra modalidade esportiva que tivesse muito contato físico.

Posteriormente, fiquei cerca de sete meses afastada da faculdade e quando retornei, entrei em um semestre com pessoas que eram sensacionais e que gostavam muito de futebol. Fiz muitos amigos e nesse período um deles me convidou para participar de um programa chamado PIBID (Programa de Iniciação à Docência), onde participei de uma seleção entre vários alunos e fui escolhida, a princípio iríamos ser preparados para dar aulas. Eu e meus amigos íamos à escola no primeiro período e observávamos o professor de Educação Física; no segundo período, fazíamos treinos de futsal para as meninas do período integral. Depois de algum tempo, começamos a dar aulas e a presença do preconceito e de comentários machistas relacionados às meninas que praticavam futsal foi visível. Durante a minha jornada na Universidade de Brasília (UnB) tive que fazer vários estágios e em todos sempre presenciei algum tipo de situação negativa acerca das praticantes de futsal.

Ainda no início do curso, era comum escutar comentários absurdos por parte de outras pessoas e até mesmo de parentes próximos. Nesse sentido, meus amigos nunca se opuseram quando a disputa no esporte e sempre me incentivavam, gostavam que eu estivesse presente em todas as peladas e brincadeiras; ainda assim, senti um pouco de dificuldade quanto à entrada em outros grupos escolares, pois confesso que sempre achei muito difícil a prática de futsal e cheguei a uma época em que procurava o esporte em todos os lugares e não encontrava uma categoria de treinos de futebol feminino, por isso pensei várias vezes em parar de praticar e só voltei quando ingressei na UnB.

Meu interesse na prática esportiva era imenso, assim como o de todos que me rondavam. No final de 2015 fiz uma seletiva para entrar no time de futsal feminino e depois de algumas semanas recebi a mensagem que tinha sido selecionada. O tempo passou e eu fui pegando o jeito, me portando cada vez mais como atleta, realizando diversas viagens em prol de disputas estaduais e nacionais, realizando diversos cursos e hoje me sinto privilegiada pela incrível bagagem que organizei durante esse período.

Dessa forma, optei pelo tema relacionado ao futsal e gênero em virtude da minha trajetória pessoal no esporte e no ambiente escolar, pela qual percebi que o futsal é mais uma categoria esportiva pertencente somente aos homens, já que as mulheres têm obtido consideráveis avanços em esportes tradicionalmente considerados inadequados para o sexo feminino, como o boxe, rúgbi e o próprio futebol. Tais esportes envolvem o contato corporal e formas de combate que realçam a combinação de força, agressividade e velocidade, entrando em contradição com as noções socialmente dominantes sobre a feminilidade aos olhos da sociedade.

Desde a escola sempre fui fascinada por vários esportes, porém o que eu mais gostava era o futsal. Todavia, devido a falta de aulas que incluíssem meninas, em virtude do preconceito que as praticantes sofriam e a falta de apoio para minha permanência no esporte, decidi parar de jogar.

A questão de gênero na Educação Física ainda é um assunto polêmico e controverso, principalmente quando envolve a participação de meninas em modalidades esportivas diversas e pela negação quanto a prática desportiva que é caracterizada pela cultura social como um meio de separar esportes pertencentes exclusivamente ao sexo masculino. Sendo assim, resolvi relacionar o meu TCC a essa vertente, verificando o verdadeiro papel da escola e do professor de educação física para alcance do envolvimento integral, afetivo, social, intelectual, motor e psicológico dos alunos, independente do sexo e sem prejuízo em relação ao gênero.

Por meio do estudo, buscaremos esclarecer se ainda há preconceito quanto à prática esportiva do futsal nos ambientes escolares no Distrito Federal, buscando, por meio da análise de aulas conjuntas entre o sexo masculino e feminino, verificar se atualmente a sociedade modificou sua visão e percepção quanto à inclusão de mulheres em práticas esportivas diversas, detalhando o olhar crítico de alunas que vivenciam a tentativa de ser uma jogadora de futebol na contemporaneidade, assim como seus conflitos pessoais e familiares, além do enfrentamento ao machismo, diferença de tratamento e retorno financeiro.

Diante do apresentado, elaboramos a seguinte questão: como se configuram as relações de gênero entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física escolar ao tratar o conteúdo do futebol/futsal?

## **OBJETIVO GERAL**

Identificar e problematizar como se configuram as relações de gênero entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física em escolas públicas no Distrito Federal ao tratar o conteúdo do futebol/futsal.

## **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- 1) Identificar e contextualizar as principais discussões sobre gênero na escola;
- 2) Problematizar a inserção histórica da mulher no contexto do futebol e futsal;
- 3) Identificar e problematizar as questões de gênero nas aulas de Educação Física no que se refere a preconceitos e sexualidade;

## **2 METODOLOGIA**

Essa é uma pesquisa exploratória de caráter qualitativo com técnicas de revisão bibliográfica e um estudo de campo em duas escolas públicas do Distrito Federal, com coleta de dados por intermédio de um questionário que aborda questões de gênero na Educação Física e um grupo focal direcionado ao futsal e suas dificuldades fora da escola. A revisão bibliográfica teve como base publicações científicas que abordam temas relacionados à escola, a Educação Física Escolar, futsal e futebol feminino, gênero, estereótipo, preconceito, discriminação e homossexualidade. A pesquisa de campo teve como objetivo a identificação do perfil das participantes, suas visões e sentimentos quanto a possibilidade de serem jogadoras de futsal e futebol, a prática da Educação Física Escolar e suas relações pessoais e familiares dentro e fora do ambiente escolar.

Para identificação das participantes e revelação de alguns relatos enriquecedores para a pesquisa sem risco de exposição das identidades das participantes, utilizou-se a sigla “JG” (jogadora). JG1 à JG5 constitui o grupo composto por alunas do Guará, JG6 à JG10 constitui o grupo formado por alunas de São Sebastião.

### **Características da pesquisa**

- a) Revisão bibliográfica: Educação física escolar, gênero, mulher no esporte, preconceito e discriminação feminina nos esportes e futsal e futebol feminino;
- b) Pesquisa de campo realizada em duas escolas, em dois grupos de meninas praticantes de futsal feminino. As informações foram coletadas por meio de um questionário estruturado com 14 questões (anexo I). O questionário foi composto apenas por questões fechadas, voltadas à Educação Física Escolar. Foi desenvolvido também um grupo focal para tivesse mais conhecimento e abordagem de certos aspectos, voltado ao preconceito e à sexualidade e dificuldades enfrentadas fora da escola.

### **Procedimentos**

A pesquisa teve como público-alvo meninas que estudam no Ensino Médio e que fazem parte das equipes de duas escolas públicas, uma na Região Administrativa (RA) do Guará e outra na RA de São Sebastião que disputam competições escolares no Distrito Federal.

Por meio de amigas e amigos que estão envolvidos com futsal, tive vários contatos de meninas que jogam futebol no ensino médio, entrei em contato com algumas por meio de um amigo treinador de um desses grupos e marquei de ir assistir ao treino, consequentemente aplicando os questionários e posteriormente fazendo um grupo focal com as jogadoras. Selecionamos um grupo de 5 praticantes de futsal em cada uma das RAS, foram aplicados os 10 questionários em dezembro de 2017. Os mesmos foram entregues nos dias dos treinos das respectivas equipes das atletas e numerados de 1 a 5.

Além disso, utilizou-se pesquisa com caráter descritivo e qualitativo, pois conforme explicam Thomas e Nelson (2002), a pesquisa possui esse caráter, quando há o intuito de abranger aspectos subjetivos e objetivos por meio de entrevistas realizadas com um grupo de indivíduos, nesse caso, que jogam futebol e possuem o sonho de tornarem-se jogadoras profissionais.

A realização do grupo focal segundo Oliveira e Freitas (1998), os grupos focais possuem destaque na pesquisa qualitativa porque propicia riqueza e flexibilidade na coleta de dados, normalmente não disponíveis quando se aplica um instrumento individualmente, além do ganho em espontaneidade pela interação entre os participantes. Com o intuito de adquirir respostas

mais elaboradas e esclarecedoras, além da aplicação de questionário. De acordo com Gaskell (2002, p.79), para seleção dos integrantes de um grupo focal, “as diferenças de *status* entre os participantes não são levadas em consideração”.

Malhotra (2006) aponta várias razões para usar a pesquisa qualitativa. No seu entender, nem sempre é possível, ou conveniente, utilizar métodos plenamente estruturados ou formais para obter informações dos respondentes. Determinados valores, emoções e motivações que se situam no nível subconsciente são encobertos ao mundo exterior pela racionalização e outros mecanismos de defesa do ego. Em tais casos, a melhor maneira de obter a informação desejada é mediante a pesquisa qualitativa.

Para fins do estudo, consideramos os informantes do grupo focal como “sujeitos genéricos”, no sentido conferido por Spink (1995), pois tendem a representar o grupo em si, por meio de discurso. Sendo assim, foi utilizado como critério central para selecionar os discentes participantes do grupo focal o fato de todos terem necessariamente vivenciado aulas de Educação Física de Futsal.

Nessa perspectiva, a média de idade das entrevistadas foi de 15 anos e 18 anos, sendo que 15 era a idade mínima e 18 a idade máxima. Apesar de ter sido realizada em duas escolas de realidades diversas, uma delas com mais estrutura dentro de Brasília, na qual foi possível perceber a diferença de padrão de vida, a pesquisa não teve o intuito de realizar um quadro comparativo entre as atletas, mas tinha o objetivo de identificar se atualmente a realidade das meninas mudaram em relação ao futebol no Brasil. Dessa forma, permitindo que conhecêssemos melhor como o/a professor/a de Educação Física pode influenciar a reflexão sobre tais questões de gênero no ambiente escolar.

Após a obtenção dos dados por meio da aplicação dos questionários e da realização do grupo focal, muitas jogadoras entraram em contato por meio do aplicativo whatsapp, no qual eu possuía um grupo por escola para tomar conhecimento dos resultados da pesquisa. Após a aplicação dos questionários as participantes se colocaram à disposição para responder mais perguntas caso fosse necessário, e dessa forma, senti que as mesmas estavam receosas quando fiz o grupo focal e posteriormente fiz questionamentos que foram bem produtivos. O questionário foi composto por perguntas fechadas relacionadas a educação física escolar, sobre os conteúdos abordados nas aulas, o preconceito e discriminação dentro das aulas de educação física e o grupo focal deu mais detalhes sobre algumas questões, que são extremamente importantes para quem joga futebol, posteriormente por conversas realizadas pelo aplicativo. Alguns resultados obtidos foram organizados em tabelas, a fim de analisar em cada questão a relevância da temática desta pesquisa.

## **CAPÍTULO 1 - GÊNERO NA ESCOLA E NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**

O presente capítulo aborda questões acerca do surgimento quanto ao questionamento de gênero na sociedade, a discussão e conflitos que o enfrentamento a discriminação de gênero no ambiente escolar ocasiona, o modo como as relações de gênero se desenvolvem na Educação Física, o futsal como conteúdo na Educação Física Escolar e uma abordagem especial quanto a sexualidade, futebol e orientação sexual.

### **1.1 Surgimento do questionamento acerca do gênero na sociedade global**

De acordo com Scott (1995), a nomenclatura “gênero” surgiu entre as feministas americanas que buscavam ressaltar a importância da distinção social realizada baseada no sexo do indivíduo. Além disso, o autor explica que a palavra passou a ser utilizada por estudantes que enfatizavam que a pesquisa acerca de mulheres seria capaz de transformar de maneira fundamental os paradigmas sociais e disciplinar imposto pelo meio social, buscando promover um debate crítico sobre premissas e critérios de trabalhos científicos existentes na época.

Anjos (2000) afirma que a ideia de gênero é compreendida por meio das relações que são estabelecidas por meio da percepção social das diferenças biológicas entre os sexos. Nesse sentido, ressalta que tal percepção fundamenta-se em esquemas de classificação que buscam comparar os sexos masculino e feminino, relacionando aspectos como força, grandeza, altura, domínio e influência, que muitas vezes são influenciados pelo contexto social já existente e atribuem valores mais positivos aos aspectos masculinos.

Nesse mesmo sentido, Torrão Filho (2005) também afirma que como categoria de análise, o gênero tem o potencial de propor à sociedade uma transformação de paradigmas obtidos por meio do conhecimento tradicional, não somente construindo novos temas e aprendizado, mas por meio da imposição de um reexame críticos das premissas já existentes acerca dos critérios de trabalho científicos utilizados. Dessa forma, assim como as questões sociais que debatem as noções de classe e raça, a promoção da discussão sobre o gênero desperta o interesse da história em colocar em evidência os indivíduos oprimidos durante os anos em uma análise do sentido e da natureza de tal opressão.

Torrão Filho (2005) ressalta ainda a urgência acerca da presença da história feminina em um campo de estudo que envolva a evolução do feminismo para as mulheres e que trate de questões como o gênero, por meio da política e da história social e humana, permitindo a análise dos fatores que levaram ao distanciamento, preconceito e criação de barreiras quanto à inclusão do público feminino em determinadas áreas da sociedade moderna.

Por sua vez, Heilborn (2005) afirma que a sexualidade tem sido objeto de análise sociológica por diversos pesquisadores, que contribuíram de maneira significativa para a compreensão do processo histórico e cultural que gerou a diferenciação entre os gêneros e seus respectivos papéis na sociedade. A autora explica que tal fato demonstra como determinadas condutas, facilmente aceitas em determinados contextos históricos podem ser proibidas e até mesmo abolidas em outros períodos, modificando o modo como os sujeitos tendem a vivenciar sua própria experiência pessoal.

### **1.1.1 A discussão e o enfrentamento acerca do gênero no ambiente escolar**

O surgimento de questões de gênero no ambiente escolar ocorre comumente nas salas de aula, entre simples comentários acerca da fragilidade e delicadeza das meninas quanto ao seu porte físico, e até mesmo quanto a realização de tarefas específicas que requerem um determinado tipo de cuidado especial que os meninos não possuem. Tais ideais são disseminados, erroneamente, pelos próprios professores de ensino infantil e fundamental e perduram durante os anos escolares seguintes, mas a principal diferenciação de gênero ocorre, sem qualquer dúvida, durante a prática de atividades durante as aulas de Educação Física na escola.

Altmann (1998) explica que a prática de atividades físicas com meninos e meninas pode ser considerada umas das tarefas mais árduas dos profissionais de Educação Física. Quando ocorre o estudo acerca da construção do modelo social por meio da história e cultura tradicionais dos estereótipos sexuais e papéis dos homens e mulheres na sociedade, é possível notar que, no ambiente escolar, a Educação Física está presente em um campo no qual as diferenças são acentuadas e delineadas de maneira específica. Todavia, a autora também ressalta que, tratando-se de uma questão cultural, as construções acerca do gênero masculino e feminino podem ser direcionadas a uma perspectiva de superação dos obstáculos de relacionamento entre os sexos e na busca da igualdade de gênero na sociedade.

Segundo Campos (2015), a promoção da abordagem da sexualidade, gênero e diversidade sexual no ambiente escolar precisa contribuir de maneira positiva para o processo de humanização da sociedade, buscando romper os ideais construídos ao longo dos anos pela história e cultura machista da sociedade e a imposição de padrões para que seja possível desconstruir o preconceito e o desrespeito quanto à relação de gênero e atividades de desenvolvidas pelo ser humano.

Nesse sentido, Auad (2006) afirma que ao analisar o modelo escolar misto no Brasil, é possível perceber que os conteúdos e normas escolares, uso do espaço para atividades físicas, técnicas educacionais e modos específicos de pensamento ensinados aos alunos quanto a pensamento, sentimento e ação são os principais meios responsáveis pela perpetuação da separação e hierarquização entre homens e mulheres. Dessa forma, a autora explica que as supostas diferenças de gênero existentes atualmente na sociedade são utilizadas pelos professores em geral como meio de condução da disciplina, como por exemplo, na distribuição dos alunos em sala de aula, separando as meninas dos meninos.

Por isso, Auad (2006) evidencia a presença do preconceito presente na nossa sociedade, ressaltando que a educação correta de meninos e meninas quanto ao gênero na escola é o principal meio para corrigir tal falha social, buscando contextualizar as diferenças, mas contrapondo ambos os potenciais em diferentes áreas de conhecimento e atuação, por meio da demonstração de que ambos os gêneros são capazes de realizar feitos impressionantes e que as diferenças não servem apenas para classificações que busquem distinção, mas devem ser utilizadas para incentivar a união e complementação dos indivíduos que vivem em sociedade.

Toneli e Perucchi (2006) afirmam que,

(...) é preciso, entretanto, orientar esta análise a partir da categoria gênero, que permite investigar sentidos atribuídos às relações sociais e às dimensões da vida dos sujeitos em nossa sociedade. Uma vez que esta tem sido uma categoria analítica importante para a compreensão das desigualdades de gênero. Neste sentido, não se pode sustentar a dicotomia das esferas privada e pública como dimensões autoexcludentes e hierarquicamente opostas. Mesmo que social e historicamente estejam imbricadas na lógica da hierarquização da diferença, essas dimensões envolvem relações de poder e se articulam mutuamente.

Por sua vez, Maia, Navarro e Maia (2011) afirmam que a escola e os professores são os principais responsáveis pela formação de identidades de gênero, por meio da percepção e incentivo a determinados aspectos pessoais de cada indivíduo em sala de aula, não somente em momentos de prática de atividades física, mas também durante a execução de tarefas cotidianas em sala de aula, que tem o potencial de direcionar o pensamento cultural e social e o desenvolvimento da criança ou adolescente como um ser humano e cidadão.

Darido (2002) afirma que a escola deve ser compreendida como um espaço privilegiado para construção de preceitos éticos necessários e constitutivos de toda e qualquer ação que envolva a cidadania, promovendo características como dignidade, igualdade de direitos, recusa de formas de discriminação e importância da solidariedade e companheirismo não somente em sala de aula, mas também na sociedade.



De acordo com Madureira e Branco (2015), a psicologia sociocultural, enfatizando a importância dos contextos culturais quanto ao estudo do desenvolvimento humano, estabelece meios com outras áreas da ciência, para que seja possível promover o diálogo interdisciplinar em diferentes áreas. Nesse sentido, afirmam que é necessário investir em ampliação dos espaços institucionais e relacionais que são comumente destinados ao trabalho com emoções, crenças e valores sociais, visando a consolidação de práticas reflexivas em sintonia com a construção de uma sociedade democrática que valorize a diversidade no ambiente escolar, independentemente do contexto no qual ela esteja inserida.

Melo, Albuquerque e Silva (2016) ressaltam que a discussão sobre sexualidade e gênero no ambiente escolar tem sido cada vez mais frequente, que diversos setores da sociedade possuem posições tanto a favor quanto contra as mudanças realizadas no plano de ensino que buscam incluir essa reflexão. Nesse sentido, é preciso compreender que a dinâmica das relações de poder e de legitimação no ambiente escolar precisam ser debatidas. Os autores afirmam que a psicologia é uma ciência que deve estar presente constantemente na escola por meio de atuações inovadoras, formando profissionais competentes e adequando as demandas sociais contemporâneas e as necessidades vigentes da nossa sociedade.

## **1.2. As relações de gênero nas aulas de Educação Física**

De acordo com Uchoga e Altmann (2016), a aula de Educação Física no ambiente escolar aborda um contexto diferente de uma aula de dança ou de qualquer outro esporte realizado fora da escola. Um dos aspectos mais evidentes é que quando não existem fronteiras disciplinares escolares, as crianças possuem uma tendência maior a não reproduzir fronteiras e obstáculos referentes ao gênero de modo evidente quanto nas situações existentes em sala de aula. Nesse sentido, os autores ressaltam que a disputa promovida na prática da aula faz com que os atributos corporais sejam relacionados a capacidade de obtenção de resultados positivos, incentivando a ligação de ideais de fragilidade e pouca eficiência esportiva comumente ao gênero feminino que não pratica constantemente as atividades físicas propostas.

Nessa perspectiva, Marques (2014) afirma que um dos possíveis caminhos a serem adotados nas aulas de Educação Física é a coeducação, por meio da prática de teorias pós-estruturalistas que visam contribuir para a desconstrução dos ideais de representações tidas como verdades absolutas, como por exemplo, a da superioridade masculina no esporte, promovendo a redefinição das relações de gênero desiguais no ambiente escolar.

Altmann (2015) afirma que a compreensão das relações de gênero envolve aspectos de configurações acerca de masculinidade e feminilidade, além dos diversos modos pelos quais constituímos nossos corpos, identidades e desejos, remetendo tais ideias de gênero a diversas áreas do conhecimento, como a educação de modo geral, e mais especificamente, a educação física escolar. A autora ressalta que é preciso incluir nas políticas públicas de educação, perspectivas e políticas que tratem do gênero nas aulas de educação física, buscando provocar a reflexão e compreensão quanto as práticas educativas que envolvem a temática.

Por sua vez, Corsino (2010) ressalta que é preciso perceber que as relações de gênero no ambiente escolar tem o potencial de contribuir de maneira grandiosa para a construção das habilidades motoras dos indivíduos praticantes de atividades físicas. É preciso impor a quebra de paradigmas e de conceitos como o incentivo a prática de atividades esportivas em relação aos meninos e o desencorajamento das mesmas quanto as meninas, para que seja possível, finalmente, adotar um modelo de desenvolvimento esportivo aplicável sem quaisquer restrições, promovendo a evolução de ambos os gêneros de maneira igualitária e justa.

### **1.2.1. Perfil e Histórico de meninas estudantes do Ensino Médio e praticantes de futsal do Distrito Federal**

Tendo em vista que as relações de gênero durante a Educação Física Escolar se estabelecem como um fator potencial para a construção de habilidades sociais e de indivíduos cidadãos, torna-se necessário conhecer de maneira mais aprofundada o perfil e o histórico dos estudantes de ensino médio e que praticam o futsal como principal modalidade esportiva.

Nesse sentido, a análise centrou-se nas experiências pessoais das jogadoras, buscando extrair informações e tirar elementos para concluir o estudo considerando a teoria e as respostas das entrevistadas.

As meninas da pesquisa são do 1º e 3º ano, 5 que fazem parte de um time em São Sebastião a média de idade das meninas é 17 e 18 anos e todas já estavam concluindo o terceiro ano, as outras 5 fazem parte de um outro time que treina no CEAN na asa norte, porem estudam no colégio do guará é são mais novas tem de 15 a 16 anos.

### **GRÁFICO 1 SOBRE IDADE ESCOLAR**

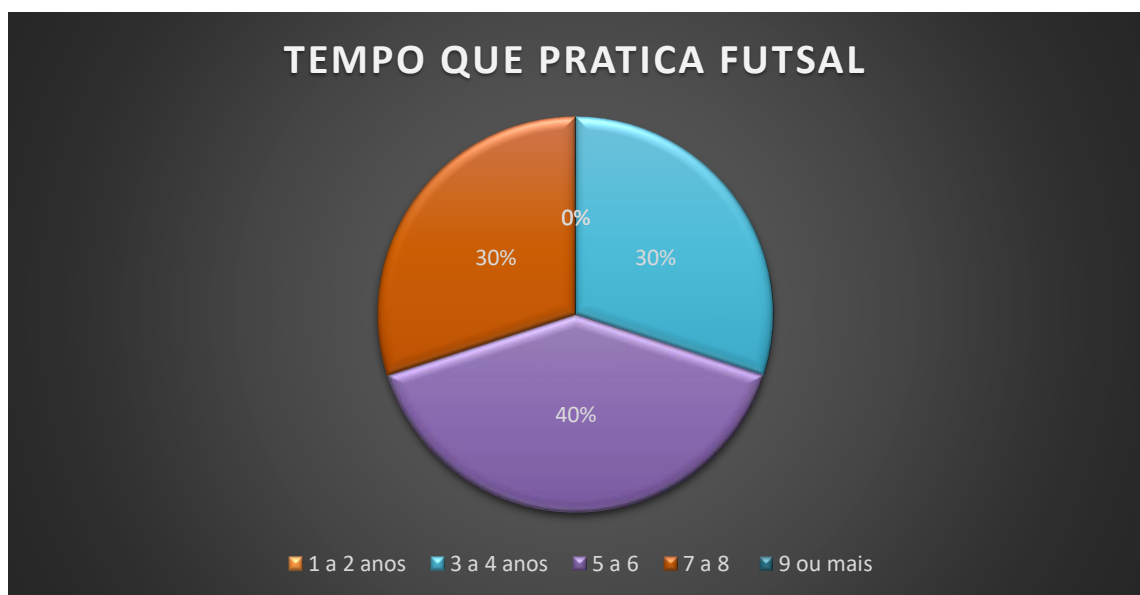


Elaboração própria

Fonte: Questionário em Anexo A

Foi possível perceber que a maioria das praticantes já estava na modalidade há um determinado tempo. Das 10 meninas, 4 jogam há mais de cinco anos, 3 há mais de três anos e outras 3 há mais de dois anos. Isso lhes proporciona uma maior percepção dos aspectos técnicos e táticos que envolvem o jogo.

## GRÁFICO 2 SOBRE TEMPO DE PRÁTICA DE FUTSAL



Elaboração própria

Fonte: Questionário em Anexo A

A maioria das meninas alegou que não havia muita variedade em escolinhas de futebol e que a maioria, quando crianças, não viam outras meninas jogando. Relatam que o acesso ao futebol feminino foi algo muito difícil e por isso jogam desde novas com outros meninos. Muitas mães e pais acabam não buscando meios de acesso ao esporte pela pouca oportunidade, falta de informação e pelo grande preconceito que as meninas que jogam sofrem.

JG6: “[...] Sempre joguei futsal desde novinha, inclusive, foi meu pai quem correu atrás de uma escolinha e me colocou, mas escolinhas só para mulheres eram quase impossíveis, então eu jogava com os meninos. Minha família sempre me incentivou bastante, até porque minha mãe jogava futebol, mas o pessoal da minha rua sempre falava para os meus pais que futebol era coisa de menino. [...]”

**GRÁFICO 3 SOBRE TEMPO DE PRÁTICA DE FUTSAL NA ESCOLA**



Elaboração própria

Fonte: Questionário em Anexo A

O gráfico acima mostra que a maioria das participantes joga futsal dentro da escola há um bom tempo, praticando a modalidade esportiva por meio da educação física. As alunas alegaram ter procurado por Centros de Iniciação Desportiva (**CID**), que tem como objetivo a prática intensiva de certas modalidades, mas não encontraram. Apesar dessa grande dificuldade, atualmente o acesso a grandes clubes de futsal e futebol está mais fácil devido a associação às grandes universidades, proporcionando destaque do esporte no Brasil e o número cada vez maior de praticantes. As entrevistadas em sua maioria explicaram que antigamente jogavam com meninos, mas hoje em dia só jogam com meninos nas aulas de educação física, pois fora da escola já existem vários campeonatos e uma grande diversidade de times femininos.

### **1.2.1. Questões de gênero na Educação Física escolar no Distrito Federal**

A questão de gênero na sociedade é algo que vem se perpetuando ao longo dos anos e também é construído dentro da própria casa dos indivíduos, em virtude de uma cultura antiga com conceitos ultrapassados e disseminados às crianças ainda no seu desenvolvimento infantil. No processo educacional de meninos, por exemplo, é comum que busque se atribuir a este, características como sedução, esperteza e egocentrismo, com a pintura do quarto em azul, porque para a sociedade, azul é a cor do homem, jamais poderá ser usado o rosa.

O primeiro presente costuma ser uma camiseta do time do pai e uma bola de futebol, e nesse exato momento surge a primeira influência da família nas escolhas do filho homem. Um pouco mais tarde esse menino começa a brincar na rua sem sofrer qualquer tipo de restrição por parte dos pais, e por ser um menino, deve aprender a resolver seus próprios problemas sozinho. Todavia, a educação de meninas ocorre de maneira diversa, comumente ganham bonecas e utensílios domésticos em miniatura como presentes, e já são ensinadas a serem sutis e educadas, não devem se sujar, muito menos suar, além de serem condicionadas e ensinadas que devem estar em casa ajudando suas mães nas tarefas domésticas. Quando querem brincar na rua, dificilmente conseguem autorização de seus pais, pois estes também compreendem que tal local é uma exclusividade de meninos, presentes em sua maioria nesse ambiente, e a concepção social considera reprovável que uma menina seja vista cercada por meninos, mesmo que em um contexto de brincadeiras diversas.

Daólio (2006, p.73) busca esclarecer as diferenças entre homens e mulheres quanto as suas habilidades motoras, utilizando exemplos da vida diária. Essas características, isto é, o fato de uma mulher ser feminina, passiva e afetiva e um homem ser masculino, ativo e agressivo,

pode ser compreendido como o conceito de natural e determinante para a construção de uma identidade de gênero.

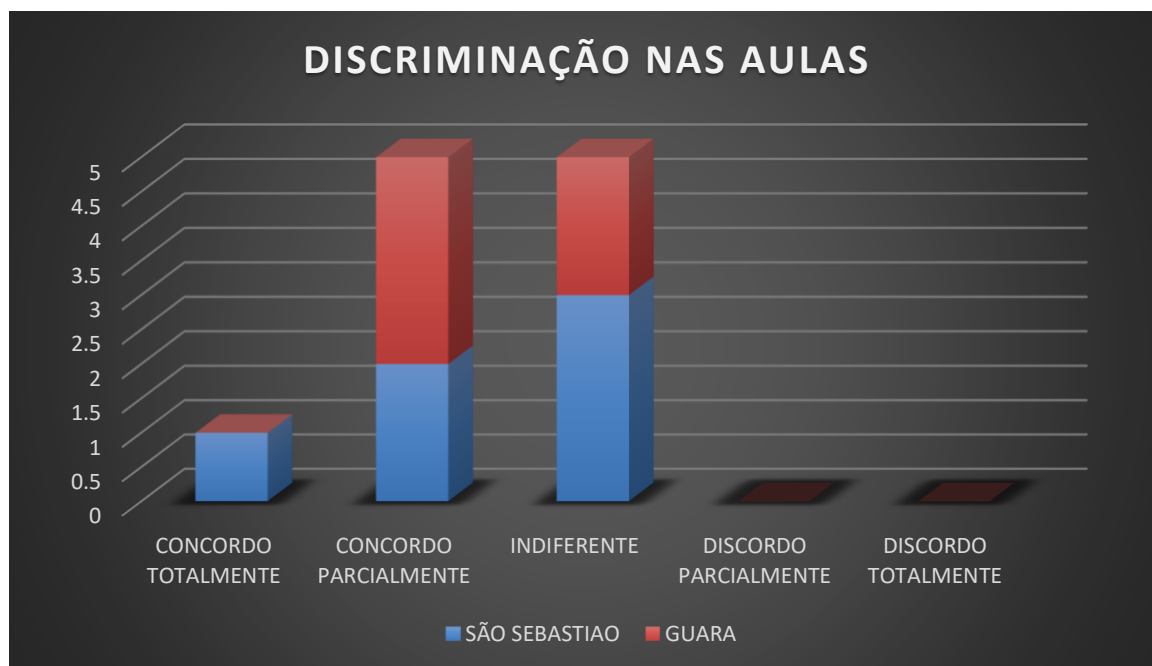
Para entender às diferenças de gênero, é importante compreender como são as instituições sociais que influenciam consideravelmente a perpetuação de uma cultura machista. Diante disso, a respeito dos papéis específicos das instituições sociais na reprodução da dominação masculina, Bourdieu (1999, p.103-104) afirma, que:

o trabalho de reprodução esteve garantido, até época recente, por três instâncias principais, a Família, a Igreja e a Escola, que, objetivamente orquestradas, tinham em comum o fato de agirem sobre as estruturas inconscientes. É, sem dúvida, à família que cabe o papel principal na reprodução da dominação e da visão masculinas; é na família que se impõe a experiência precoce da divisão sexual do trabalho e da representação legítima dessa divisão, garantida pelo direito e inscrita na linguagem. Quanto à Igreja, marcada pelo antifeminismo profundo [...] ela inculca explicitamente uma moral familiarista, completamente dominada pelos valores patriarcais e principalmente pelo dogma da inata inferioridade das mulheres... Por fim, a Escola, mesmo já liberta da tutela da Igreja, continua a transmitir os pressupostos da representação patriarcal e sobretudo, talvez, os que estão inscritos em suas próprias estruturas hierárquicas, todas sexualmente conotadas, entre as diferentes faculdades, entre as disciplinas, entre as especialidades, isto é, entre as maneiras de ser e as maneiras de ver, de se ver, de se representarem as próprias aptidões e inclinações.

É natural que esse processo se inicie na família, mas esta instituição parece cada vez mais limitada do ponto de vista social, levando em consideração que a convivência família tem diminuído, pois as crianças têm ingressado em creches cada vez mais cedo. O preconceito e discriminação imposto por uma sociedade de estereótipos das práticas corporais caracterizadas de masculinas e femininas refletem dentro da escola, escutei das próprias meninas o que elas acham que são esporte femininos e masculinos e o que eu pude ver é que não só o futebol é caracterizado como masculino, mas a dança e o vôlei são considerados praticas femininas.

Daólio (1995, p.104) afirma que a ação do professor de Educação Física, mesmo que ainda progressista, ainda não se liberou da dicotomia criada pela associação proporcionada a cultura dos indivíduos masculinos e femininos, como por exemplo, a prática do futebol feminino em aula ainda é vista com olhar de exclusão pelos professores e consequentemente pelos próprios alunos, em alguns casos.

#### **GRÁFICO 4 SOBRE DISCRIMINAÇÃO EM SALA DE AULA**



Elaboração própria

Fonte: Questionário em Anexo A

O gráfico mostra exatamente que todas as meninas já sofreram algum tipo de discriminação por parte do sexo oposto, só pelo fato de jogarem futsal. De comentários a atitudes maldosas por fazerem de tudo para jogar e ter espaço dentro da educação física. Como ressalta em comentário de algumas. JG4: “[...] As dificuldades sempre são as mesmas, comentários chatos e machistas em questão de eu gostar de jogar. “Vai jogar queimada, não entendo por que ainda insiste em jogar”. Nem ligo mais, finjo que nem escuto e bora jogar. [...] JG5: “[...] Desde sempre tem fut na educação física. As dificuldades são só em questão dos erros na hora do futebol, os meninos acham que sou mais lenta ou que erro demais, qualquer erro é uma crucificação, me irrita as vezes. Enfim, quero é jogar.[...]”

O que a maioria alegou foi que mesmo com toda dificuldade, elas se impõe e jogam. O começo a dificuldade é bem maior, mas com o passar dos tempos as coisas estão melhorando.

### 1.2.2 O futsal como conteúdo da educação física escolar e a separação de turmas por gênero

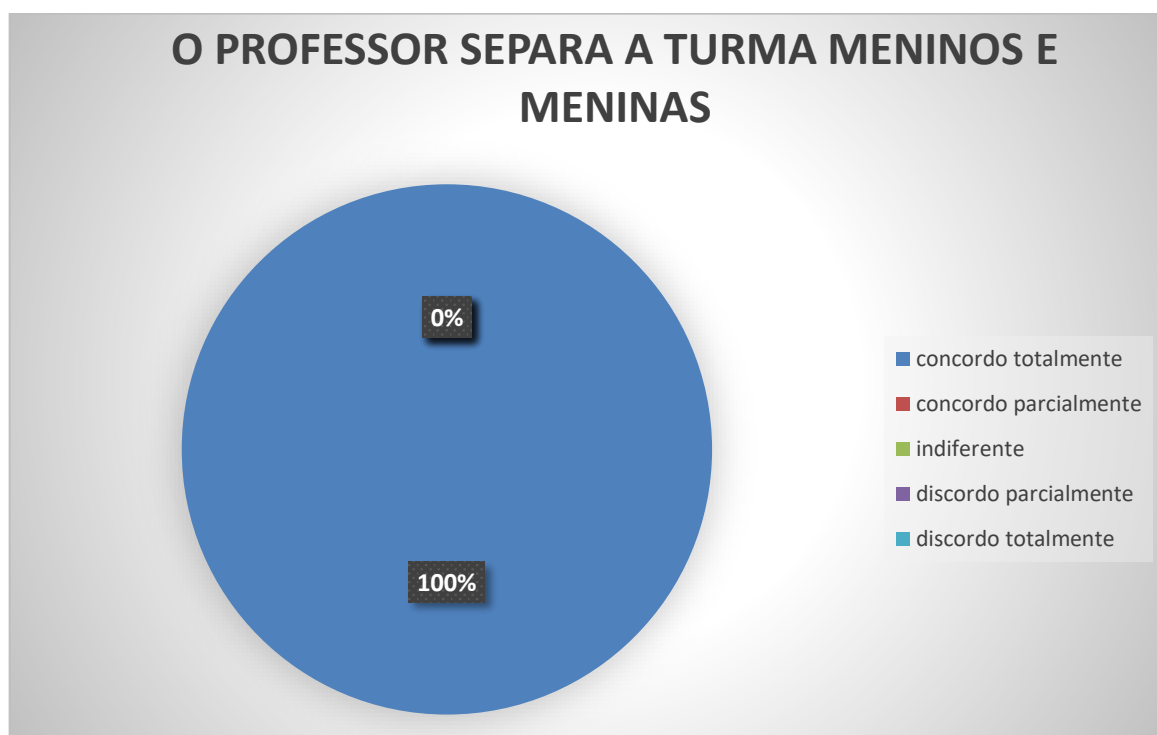
A Educação Física passou a ganhar destaque na década de 90 com a criação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) em 1996 e com a adoção dos Parâmetros Curriculares Nacionais em 1997. As aulas mistas proporcionavam oportunidade há ambos os sexos de observarem, descobrirem e aprenderem a ser mais tolerante, não discriminar e compreender as diferenças.

Com o intuito de priorizar tanto meninas e meninos com aulas coeducativas, com objetivos de trabalhar as mesmas oportunidades, vivenciando as diferenças e semelhanças.

Para Saraiva (1999, p.190) “[...] a concepção de coeducação, [...], nas aulas de Educação Física, as meninas e os meninos devem receber as mesmas atenções e vivenciar as mesmas práticas, desenvolvendo a compreensão de diferenciadas manifestações do agir esportivo”.

Segundo as alunas os professores de ambas as escolas não fazem separação.

#### GRÁFICO 5 SOBRE SEPARAÇÃO DE TURMA ENTRE MENINOS E MENINAS



Elaboração própria

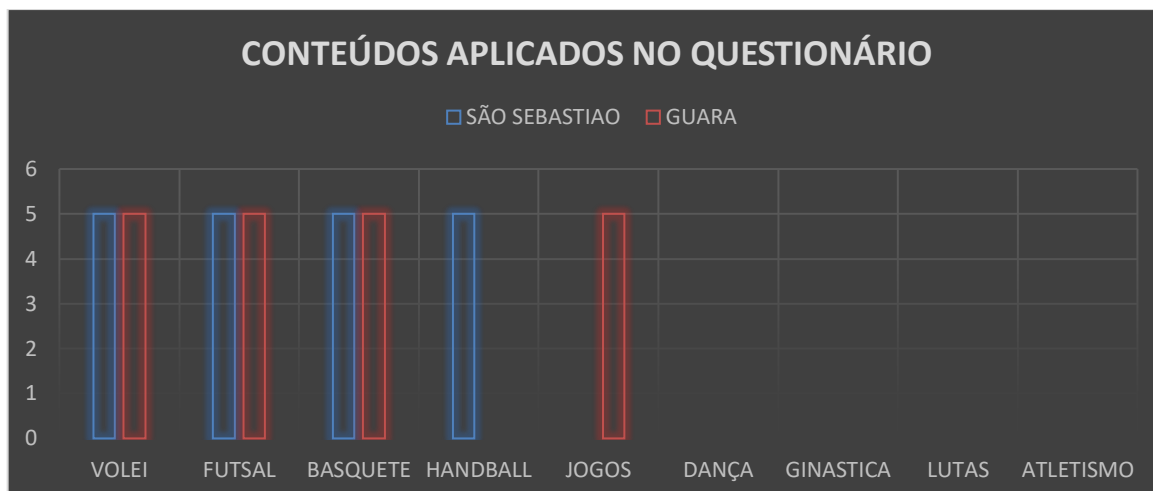
Fonte: Questionário em Anexo A

A não separação de meninos e meninas nas aulas quebra e problematiza as possibilidades de desconstrução das concepções que perpetuam a desigualdade. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) recomendam as aulas mistas, com incumbência de oportunizar meninos e meninas um melhor convívio.

Essas questões de gênero é umas das tarefas mais difíceis enfrentadas pelos professores de educação física. Ao mesmo tempo que tem que preparar e elaborar aulas onde haja a interação entre meninos e meninas deve respeitar as características de ambos os sexos. O que mais se sente falta na educação física atualmente são conteúdos que abordem mais questões problemas, e tirem um pouco esse olhar de esportividade dessa disciplina. A educação física pode ir muito além das quadras causando reflexões nas aulas.



## GRÁFICO 6 SOBRE CONTEÚDOS PRESENTES NO QUESTIONÁRIO



Elaboração própria

Fonte: Questionário em Anexo A

O gráfico mostra que os professores de ambas as escolas somente abordam conteúdos de alto rendimento e, segundo as alunas, muitos não usam qualquer tipo de reflexão em suas aulas, ressaltando que uma das formas mais efetivas no campo da educação é a reflexão, algo que vem sendo esquecido sobre a Coeducação, Saraiva (1999,p. 181) ressalta que:

Torna-se importante trazer para o campo das discussões e possibilidades pedagógicas as questões [...] como: os papéis sexuais estereotipados, os anseios irracionais de dominação dos homens, a opressão tradicional da mulher e, principalmente a ameaça ao direito de melhores condições e igualdade dos seres humanos no esporte e na Educação Física.

Nesse sentido, fica evidente que a coeducação deve adotar os meios necessários e adequados para promoção de igualdade e oportunidade quanto a prática esportiva por parte dos alunos de determinada sala de aula, independentemente de fatores pessoais como gênero, idade, orientação sexual ou preferência pessoal, pois por mais comum que seja o questionamento quanto a orientação sexual de praticantes de futsal e futebol femininas, diversas vezes causa incômodo e cria situações constrangedoras para as jogadoras.

### 1.3 Sexualidade e futebol: Questionamentos sobre orientação sexual

A orientação sexual das jogadoras de futsal é indagada constantemente, acredita-se que o preconceito está ligado tanto a relação corpo mulher, seja ele frágil ou masculinizado, quanto ao futebol e suas questões culturais e históricas, físicas e midiáticas, além do preconceito da homossexualidade. Todas as praticantes afirmaram ter enfrentado tal fato.

“A construção cultural do corpo feminino ou o risco de transformar meninas em antas”, ressalta a força da tradição de um determinado valor ou costume cultural no comportamento de uma criança Daólio (1995, p.103).

(...) Para uma menina assumir determinados comportamentos historicamente vistos como masculinos, como ser mais agressiva ou jogar futebol, implica ir contra uma tradição. Implica ser chamada de ‘machona’ pelos meninos ou ser repreendida pelos pais. Da mesma forma para um menino, assumir uma postura delicada, mais afetiva, e brincar de maneira mais contida implica ser chamado de ‘bicha’ ou ‘afeminado’. Tanto para o menino quanto para a menina que contrariam a expectativa que deles se tem, há o peso de uma sociedade que os marginaliza [...]

As respostas das meninas acerca desse tema foram emblemáticas:

[...] Eu tinha quase certeza que você faria alguma pergunta sobre essa questão. Mulher que joga bola é considerada sapatão pela maioria das pessoas. É claro que já me questionaram, até mesmo meus pais já me perguntaram, eles são bem abertos e sempre conversam comigo. Eu namoro um homem hoje em dia, mas gosto de pessoas, confesso. Não ligo muito para opinião alheia, o que importa é que minha família sabe e principalmente meu namorado. Mas grande parte da sociedade tem o pensamento de que toda mulher que joga futsal é homossexual. Na maioria das vezes em que passei por situação de preconceito, foi por fato de ser taxada de homossexual pelo simples motivo de ser atleta de futsal [...] JG1

[...] Meu pai sempre fala para minha mãe que eu vou acabar me tornando uma sapatona, só porque eu gosto de futebol. Meu pai é super preconceituoso com isso, sempre me questiona. Meus amigos às vezes soltam umas piadinhas, mas finjo que nada tá acontecendo. [...] JG8

[...] Eu já estava esperando você me perguntar sobre isso, aliás, todas as pessoas perguntam se eu sou homossexual somente pelo meu desejo explícito em jogar futebol. A sociedade ainda é muito preconceituosa, não é só porque eu ando de chuteira e gosto de jogar bola que necessariamente eu vá gostar de pessoas do mesmo sexo que o meu. Meus pais fingem que não sabem e nem me perguntam, acho que eles morrem de medo da resposta. Meus amigos são tranquilos em relação a isso. [...] JG9

Para ilustrar o que aparece no discurso do pai da JG9, Louro (1999, p.29) faz a seguinte reflexão:

“Como se a homossexualidade fosse contagiosa e estivesse constantemente ameaçando a heterossexualidade dos sujeitos, a homofobia expressa-se pelo desprezo, pelo afastamento, pela imposição do ridículo. Como se a homossexualidade fosse contagiosa,

cria-se uma grande resistência em demonstrar simpatia para com sujeitos homossexuais”.

Com esses relatos percebemos cada vez mais uma generalização e rotulação das meninas que se encontram nesse ambiente. A questão da generalização, faz-se necessário aqui a discussão do termo “rótulo”, pois este é na verdade, segundo Nunan (2003, p.62), um tipo particular de estereótipo, “[...] em outras palavras, facilitamos nossas relações interpessoais se atribuímos aos outros determinados rótulos que nos permitam antecipar certos comportamentos. Atribuir um rótulo a um indivíduo distorce nossa percepção, pois nos predispõe a encontrar comportamentos que sejam compatíveis com o rótulo”.

Por conseguinte, fica evidente que o enfrentamento a discriminação e preconceito quanto ao gênero, além da promoção do debate em torno da temática são essenciais a fim de criar um ambiente escolar que permita o desenvolvimento pessoal e cidadão de todos os alunos, independentemente do seu sexo, orientação sexual ou ainda preferência esportiva. Após o estudo desse capítulo, fica evidenciado que a mulher sofre para conseguir ter amplo acesso a meios que a permitam praticar o esporte de sua preferência e obter um lugar de destaque no meio esportivo, sendo também necessário o estudo mais detalhado acerca desse assunto.

## **CAPÍTULO 2 - MULHER E FUTEBOL**

De acordo com Di Pierro (2007), o ciclismo foi o esporte que mais favoreceu o crescimento da influência da emancipação física de atletas mulheres na prática esportiva, em meados de 1870. Durante o avanço histórico, mais precisamente na segunda metade do século XIX, a Europa demonstrava um número cada vez mais crescente de ativistas femininas que denunciavam a posição social inferior das mulheres mesmo após os eventos da Revolução Francesa. Nessa perspectiva, durante o século XX a mulher passou a ser mais reconhecida na sociedade por meio do exercício de um papel ativo no ambiente industrial, conquistando direitos diversos como o direito ao voto, acesso às universidades e as profissões acadêmicas.

Segundo Barreto (2016), a mulher sofre por parte da sociedade, desde sempre, exclusão dos espaços esportivos e de suas práticas. Nesse sentido, é importante ressaltar que a inserção da mulher em determinadas práticas esportivas tem um longo histórico de restrições e proibições que foram veiculadas por diferentes indivíduos e organizações. A autora afirma que desde os primórdios da história esportiva e do movimento olímpico, as mulheres eram comumente proibidas de participar das competições, sendo responsáveis meramente pela entrega das premiações aos vencedores.

Bracht (1986) afirma que um dos principais papéis da prática do esporte escolar no país é reproduzir o reforço dos ideais capitalistas, que ofertam valores e normas que se apresentam como normas desejáveis. Portanto, é recomendável a compreensão acerca de tais ideologias, que devem ser absorvidos por todos, mas com o devido senso crítico quanto a aceitação de determinadas imposições de gênero na sociedade.

Di Pierro (2007) afirma ainda que em toda a história das práticas esportivas a mulher foi constantemente subestimada quanto a conquista de direitos fundamentais como a participação em competições esportivas. Nesse sentido, a participação das mulheres cresceu ao mesmo tempo em que os processos de globalização do esporte e do reconhecimento dos interesses femininos na participação esportiva foram ampliados na sociedade.

## **2.1. A inserção da mulher no futebol**

De acordo com Bracht (1986), a socialização por meio do esporte escolar pode ser compreendida como um mecanismo de controle social, promovendo a adaptação do praticante aos valores e normas existentes e dominantes na sociedade, além de atuar como uma condição para a possibilidade de desenvolvimento e funcionalidade do ambiente social, permitindo a evolução e o amadurecimento de crianças e adolescentes.

Segundo Barreto (2016), a participação das mulheres na prática esportiva do futebol foi, por muito tempo, ignorada pela sociedade. Até pouco tempo não era visível a participação de mulheres, não apenas nos campos como jogadoras profissionais, mas ainda em posições como bandeirinhas, árbitras ou assistentes. Dessa forma, é evidente que atualmente, é cada vez mais perceptível a conquista do espaço feminino no meio do esporte e o atendimento as suas demandas de gênero, ainda que a luta por reconhecimento e igualdade continue sendo necessária.

Teixeira e Caminha (2013) afirmam que no Brasil, o desenvolvimento do futebol feminino segue um sistema de lógica intermitente da expansão e refluxo, lógica comumente fundamentada por um sistema que pregava proibições e permissões que foi instaurado desde o século XIX. Nesse sentido, o futebol feminino, apesar de reconhecido atualmente, é meramente tolerado por grande parcela da sociedade, e apesar do ganho de espaço na sociedade, ainda tem pouca visibilidade quando comparado ao futebol masculino ou ao futebol feminino em outros países.

### **2.1.1 História do futebol feminino na sociedade**

De acordo com Goellner (2005), existem diversos argumentos que são comumente utilizados para explicar a pouca visibilidade atribuída às mulheres no mercado do futebol no Brasil e no mundo. Além da ausência de apoio financeiro a prática desportiva em virtude da falta de patrocínios, é possível identificar alguns outros fatores que contribuem de maneira importante para a dificuldade da inserção da mulher no futebol, como a ideia de que o futebol remete a masculinidade por conta da força e robustez empregada nos jogos e na concepção atribuída pela cultura e sociedade entre a representação da feminilidade que por meio da beleza e delicadeza da figura feminina.

Segundo Ferreti *et al.* (2011), o esporte é um espaço que comumente reflete a imagem masculina por meio da solicitação de atributos que diversas vezes não são compatíveis com o corpo feminino. Dessa forma, os autores afirmam que em diversas ocasiões o afastamento da mulher em relação ao ambiente esportivo ocorre durante toda a sua vida. Afirmam ainda algumas restrições históricas, inclusive no Brasil, como o Decreto-Lei 3.199 de 1941 que proibia as mulheres de praticarem atividades desportivas incompatíveis com sua natureza, sem qualquer tipo de regulamentação ou detalhamento adequado, violando direitos e desejos.

Nesse sentido, Salvini e Marchi Júnior (2016) afirmam que as histórias brasileiras que tratam da participação feminina nos esportes são repletas de situações que envolvem obstáculos e superações, ou ainda, lutas que nem sempre são demonstradas de maneira explícita e aparente pelos meios de comunicação. Todavia, basta fazer um breve estudo sobre o século passado para identificar as modalidades esportivas que mais privilegiavam determinado gênero em relação a outro.

Salvini e Marchi Júnior (2016) também ressaltam que as práticas esportivas que podem ocasionar qualquer tipo de desvio corporal ou de conduta foram limitadas por meio do Decreto-Lei 3.199 de 1941 que incluía inclusive o futebol. A delimitação legal por meio do decreto-lei fez com que a prática feminina de determinadas atividades não alcançasse as proporções técnicas ou profissionais ideais para desenvolvimento. Todavia, não teve eficácia esperada pelos legisladoras da época porque não abrangia a prática do esporte como meio de lazer, o que acabou se tornando a saída para tal proibição.

### **2.1.2 O futebol feminino na atualidade**

Segundo Franzini (2005), no Brasil, a presença feminina dentro do campo de futebol ainda busca por afirmação e aceitação pública. De acordo com dados divulgados pela

Confederação Brasileira de Futebol, em 2012, o país tem cerca de 400 mil jogadoras, um número aparentemente elevado, mas ínfimo quando comparado ao número de jogadores profissionais existentes, assim como quando comparado aos 12 milhões de atletas que pisam em campo somente nos Estados Unidos.

Nesse sentido, Nicolao *et. al* (2010) afirma que a estrutura do futebol feminino no Brasil ainda é pouco desenvolvida, mas tal realidade não significa que a qualidade física das atuais atletas jogadoras de futebol em alto nível possa ser contestada. O controle dos treinos realizados por meio de uma avaliação funcional deve ser constantemente valorizado, pois é por meio dos dados obtidos através dessa tarefa que é possível adaptar e melhorar as metodologias de treinamento e desenvolvimento voltados a melhora da aptidão física das atletas femininas.

Santana e Reis (2003) afirmam por meio de um estudo que a maior parte das atletas femininas, principalmente no futsal, ingressam no esporte durante a adolescência, preocupando-se primeiramente com os sentimentos pessoais acerca de si mesmas, com o prazer que sentem ao jogar, se divertir, lidando com as derrotas e vitórias de jogos e alcançando êxito naquilo que fazem. Apenas em um segundo plano demonstram preocupação com a relação com membros técnicos da equipe, retorno financeiro e reconhecimento.

Por sua vez, Salvini e Marchi Júnior (2016) afirmam que atualmente o preconceito ainda é presente, mas não é o suficiente para que faça com que as mulheres atletas abandonem a prática esportiva. Nesse sentido, ressaltam que o preconceito sempre vai existir, proveniente de pessoas que não compreendem a situação de atletas e que cabe ao indivíduo que não concorda com a inserção das mulheres na prática esportiva, a aceitação ou não, mas jamais a proibição ou limitação ao exercício dos direitos e do desejo de praticar o esporte e investir tempo, esforço e vontade no mesmo.

Santos e Medeiros (2012) afirmam que o futebol é tema recorrente em análises sociológicas, histórias e antropológicas. Quanto a prática esportiva no Brasil, as autoras afirmam que existem diversos estudos que relatam a falta de atenção e apoio social quanto ao desenvolvimento da modalidade e das atletas, em virtude do pouco reconhecimento, tanto pela população quanto pela mídia, além do pouco incentivo e divulgação por parte de atletas e outros atores sociais reconhecidos no esporte que sejam vinculados a modalidade.

Nesse sentido, Salvini; Souza; e Marchi Júnior (2015) afirmam que levando em conta o histórico de exclusão das mulheres no futebol brasileiro,

(...) geraram e ainda continuam gerando algumas polêmicas vinculadas à sexualidade das atletas. Não podemos negligenciar que no início da prática as jogadoras eram explicitamente questionadas quanto a sua sexualidade, mas,

com o passar do tempo e com o processo de investimento na região de fachada visando o reforço de características feminis, tais insinuações passaram a habitar a região de fundos.

Silveira e Stigger (2013) afirmam ainda que a associação esportiva das mulheres é pautada em inúmeros tipos de interações sociais que ocorrem dentro e fora do campo de jogo. Todavia, isso não significa que os membros que integram esse ciclo compartilhem o vínculo com o esporte igualmente. Além disso, as autoras também ressaltam a falta de patrocínios em relação as equipes femininas, pois em virtude do preconceito social em relação aos homossexuais, dificilmente a mídia apoia a o futebol feminino que até hoje é comumente associado à masculinização da mulher e à homossexualidade.

Nesse sentido, Camargo e Kessler (2017) afirmam que é preciso observar os fatos esportivos recentes para relativizar o olhar crítico da sociedade quanto ao universo esportivo e postular novas perspectivas que se referem aos corpos, práticas atléticas e ao próprio esporte. Sendo assim, é importante compreender que gênero e sexualidade são questões que ajudam a fomentar o debate e construir saberes necessários para gestão política e esportiva, a fim de promover o incentivo a prática esportiva feminina, valorização do esporte e reconhecimento devido as atletas.

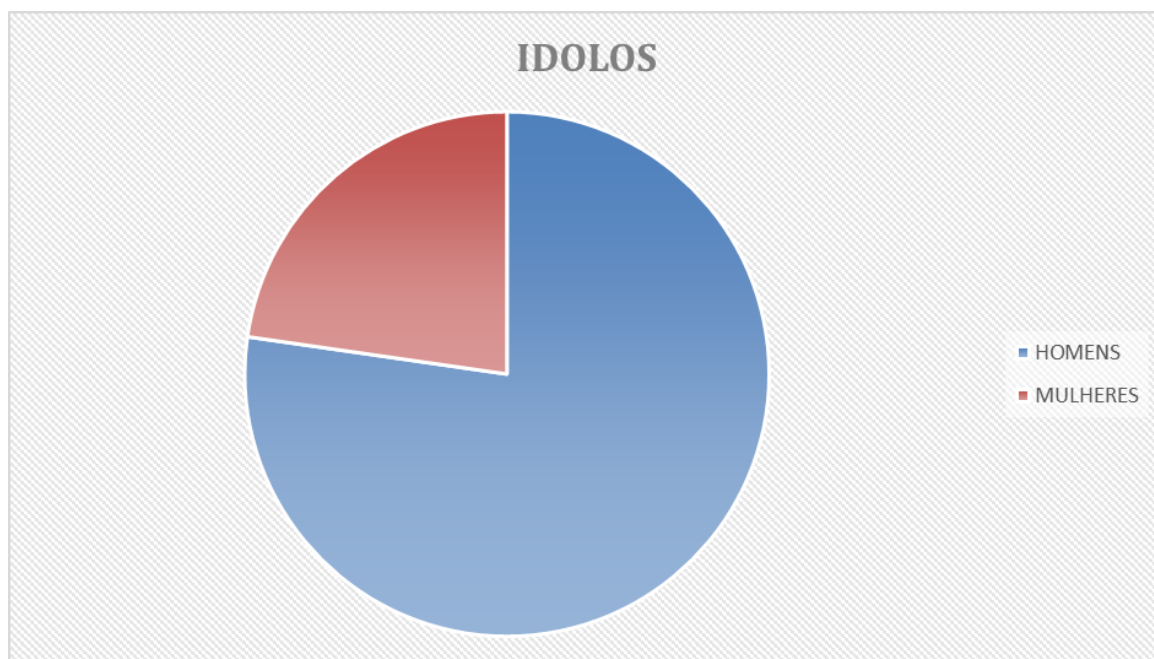
Assim como pode ser notado após a aplicação dos questionários e análise das respostas obtidas, as mulheres, ainda que no ambiente escolar, lutam constantemente pelo seu espaço no meio esportivo, principalmente no que se refere ao futsal ou futebol, tendo em vista o crescente preconceito, a pouca visibilidade, baixa aceitação pública e familiar e o baixo investimento em competições esportivas exclusivas do sexo feminino.

Nesse sentido, observa-se a presença ainda do forte preconceito e discriminação quanto a inserção de mulheres em práticas esportivas, sendo necessária uma abordagem mais efetiva quanto a educação e compreensão de deveres, direitos e valores, a fim de garantir que meninas praticantes de futsal e até mesmo jogadoras profissionais tenham ao seu dispor as ferramentas e os meios necessários para investirem cada vez mais em seu esporte favorito e em busca do alto nível e profissionalismo.

## **2.2 Ídolos, influências e o desejo de se tornar profissional**

A respeito de terem um ídolo no futsal/futebol, algumas jogadoras citaram mais de um, por isso o número ultrapassa a quantidade da amostra.

### **GRÁFICO 7 SOBRE ÍDOLOS NO FUTSAL/FUTEBOL**



Elaboração própria

Fonte: Grupo focal Apêndice A

O gráfico demonstra o nível da desigualdade existente, tendo em vista que as próprias meninas têm mais ídolos homens. Também foi dito que o futebol feminino profissional é pouco conhecido e divulgado, além do escasso acesso aos jogos e da falta de indicações quanto a ídolos no futsal.

A mídia é capaz de modelar a sociedade através da produção e divulgação dos fatos, assim como afirma Nunan (2003, p.69), “[...] a mídia (em geral) e a publicidade (em particular), tornam-se poderosos agentes de socialização e disseminadores de opinião, adquirindo um papel fundamental na construção e perpetuação de estereótipos, devendo, portanto, ser levadas em consideração durante qualquer tentativa de análise do fenômeno do preconceito”.

O futebol feminino não tem o mesmo tratamento e espaço dentro da mídia como os esportes masculinos. Nesse sentido, as principais razões que podem ser citadas são o histórico do futebol no nosso país e a própria dificuldade de inserção no mesmo, que é tratado como reserva de exclusividade masculina. Isso facilita muito o contato com os ídolos homens, pois são aquelas com mais acesso e divulgação como muitas meninas citaram.

[...] Neymar e Cristiano Ronaldo, primeiro o Neymar por ser brasileiro e por jogar muito bem e segundo o Cristiano pela magia que aquele cara faz com a bola. Assisto mais jogos do meu time, lá em casa não tem TV a cabo então quase não tenho acesso a outros canais que passam a Champions. Ser profissional é o meu grande sonho, treino quase todo dia pensando nisso. [...]  
JG2

Já a JG5 expressou sua opinião, escolhendo:



[...] Messi, Cristiano e Marta. O Messi por ser o gênio das cinco bolas de ouro juntamente com o Cristiano e a Marta por ser mulher e por ser uma gênio dentro dos gramados, sempre me inspirei nela. Eu tento assistir aos jogos mais femininos mas são poucos divulgados e dificilmente passam na TV aberta, então eu vejo o que consigo pela internet. Eu vou ser profissional, não tem nem jeito [...] JG5

Posteriormente, na primeira pergunta, indaguei as meninas acerca da falta de citação de mulheres, mostrei um pouco meu ponto de vista sobre.

JG8: “[...] Sou fã da Marta, mas não só por que ela é mulher, mas sim por ser uma grande profissional e representante do futebol feminino e mesmo com o não reconhecimento do seu grande potencial e do seu profissionalismo, com toda a diferença salarial, ela sempre dá o melhor de si dentro de campo e principalmente nunca se rendeu ao dinheiro, sabemos que o futebol lá fora é muito mais valorizado, ela poderia muito bem estar defendendo outra seleção com tanto potencial. Ela mostra que o futebol não é coisa de menino e que existe sim mulheres tão boas quanto homens, quebrando esse tabu de uma sociedade padronizada e ultrapassada. O processo igualitário é algo que viemos construindo pouco a pouco, um dia vamos chegar lá. Eu acompanhava futebol, mas comecei a trabalhar e acabei não tendo mais tempo. Pela dificuldade, hoje em dia não pretendo mais ser uma profissional, acho que o futebol me proporcionou muitas experiências tanto negativas como positivas e por isso não pretendo sofrer tanto para alcançar algo na vida. O futebol virou um hobby hoje em dia. [...]”

Já a JG3 quis complementar: “[...] Caramba eu esqueci de falar sobre a Marta, admiro muito o futebol dela, sei o quanto ela sofreu para chegar onde chegou e o que mais me deixa triste é ver que o salário dela que é a melhor do mundo não chega nem perto de nenhum desses jogadores que as meninas falaram e que eu também falei. [...]”

A partir desse questionamento abordamos questões compostas por lutas não somente no meio do futebol, mas que também vieram de séculos passados, evidenciando que a mulher não tinha direitos, a herança cultural machista e a entrada tardia das mulheres no mercado de trabalho, no qual tiveram que buscar condições igualitárias a partir das décadas de 1960 e 1970, tratando desses fatores como meios de contribuição para a desigualdade salarial.

### **2.3 Incentivo dos pais e amigos quanto a prática esportiva do futebol e futsal**

A família é o pilar principal na formação e na vida de uma pessoa, sua base começa dali. A família e o seu incentivo é muito importante na pratica de qualquer modalidade esportiva praticada, ainda mais quando essa prática altera a percepção social aos atletas. O papel familiar é objeto fundamental como apoio ou empecilho visto que é difícil permanecer praticando futsal se existem pensamentos preconceituosos dentro da própria casa.

Em reportagem publicada no Jornal O Dia, no ano de 1997, a filha caçula de um dos mitos do futebol brasileiro, Garrincha, relata os vários esforços que fez para convencer a mãe a aceitar sua participação como atleta no universo do futebol: "Ela só quer que eu arrume um namorado. Tem medo que pensem que eu sou sapatão." (SILVA, et al, 1998, p.113)

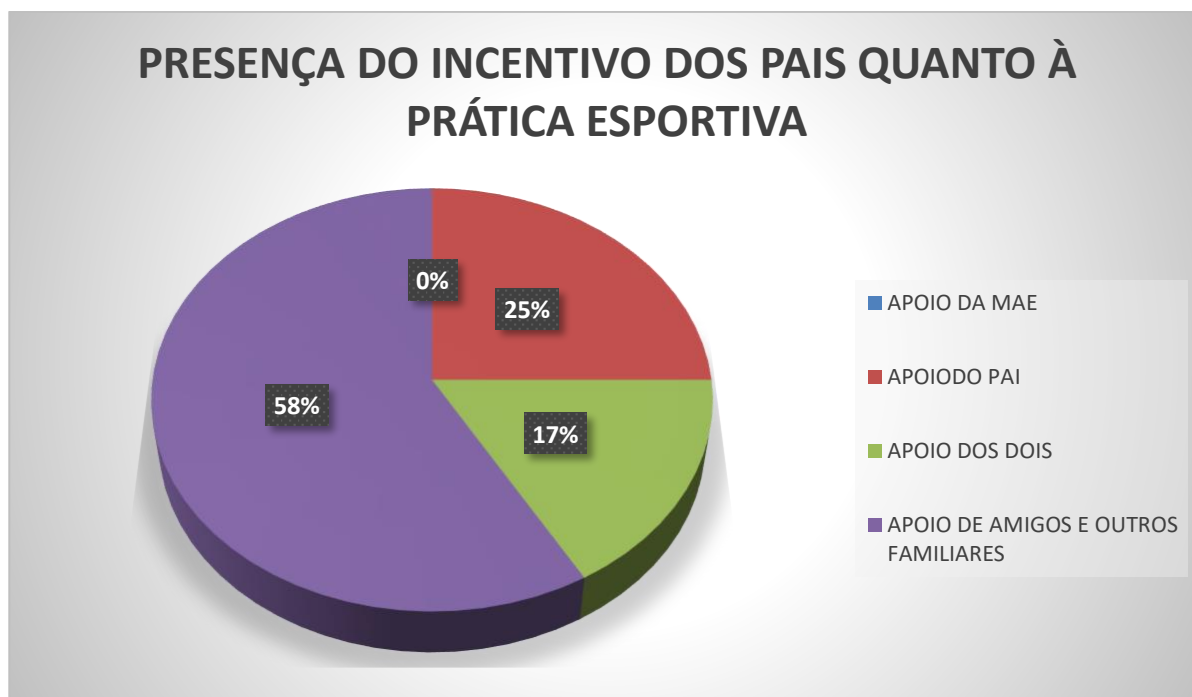
Exemplos citados acima são normais atribuídos a jogadoras de futsal ou futebol, esse preconceito se infiltra dentro do ambiente familiar com uma sensação de vergonha dos pais pelo simples pensamento de que o que os outros irão pensar de suas filhas. Esse paradigma de masculinização do corpo da mulher que joga bola se perpetua pela sociedade, e a família tem que abandonar os medos e perigos presentes nesse esporte, como, por exemplo, a homossexualidade. Mas o que se percebe é que em pleno século XXI, poucas meninas relataram apoio dos familiares, uma grande maioria somente tem o apoio dos amigos.

[...] Lá em casa eu só tenho incentivo de Deus mesmo, risos! Até meus irmãos ficam me enchendo o saco dizendo que o futebol vai me desvirtuar, que isso não é coisa de meninas, que todas as meninas que jogam gostam de outras meninas. Minha mãe diz que tem muitos afazeres em casa, que é melhor eu lavar uma louça do que ir correr atrás de bola. Tenho incentivo por parte dos meus amigos. [...] JG3

[...]. Minha família aceita, mas não me apoia. Meu pai fala que isso não é coisa para mulher, diz que sai na rua e os amigos dele ficam falando sobre o fato de eu jogar bola, que ele tem que parar de deixar a filha dele no meio de um bando de homem, que isso só vai prejudicar ela. Enfim, eu tenho apoio só dos meus primos que moram perto e dos meus amigos. De quem a gente mais espera apoio nessas horas é de onde que sai a maior forma de preconceito, já tive vários namorados que falavam que não gostavam de me ver jogar porque seus amigos falavam que estava errado, um deles ele até questionava sobre quando eu fosse encontrar com os pais dele e o pai dele me perguntasse o que eu fazia e eu respondesse que era zagueira do time de São Sebastião, o quanto eu não faria ele se envergonhar. [...] JG8

[...] Meus pais sempre me apoiou, sempre vai aos jogos e procura estar por perto me incentivando. Por outro lado, minha mãe diz que é péssimo ter uma filha que joga futebol. É difícil escutar essas coisas, mas acaba que a gente acostuma. [...] JG10

## **GRÁFICO 8 SOBRE A PRESENÇA DO INCENTIVO DOS PAIS QUANTO À PRÁTICA ESPORTIVA**



Elaboração própria

Fonte: Grupo focal Apêndice A

Como pode ser observado, as praticantes tem mais apoio de outros do que suas próprias famílias apenas 17% tem apoio de ambos tanto pai como mãe, 58% tem apoio de amigos. A família é o ambiente social primário onde os atletas desenvolvem sua identidade, autoestima e motivação para o sucesso nos esportes. O bom desenvolvimento do atleta se deve, muitas vezes, ao encorajamento da família, atribuição de valores, além do apoio psicológico durante a carreira (VILANI; SAMUSLKI, 2002, p.9).

## CONCLUSÃO

O presente estudo teve como objetivo identificar as questões de gêneros dentro da Educação Física escolar, que é algo que muitas meninas passavam na minha época escolar e pude perceber que ainda passam, realmente o tempo passa e muitas coisas não mudam. É comum as pessoas definirem o que é uma modalidade para homem ou para mulher, como por exemplo denominar o futebol ao domínio masculino e o balé e vôlei ao domínio feminino, isso é um preconceito de gênero no qual delimita o tipo de esporte que ambos os sexos devem praticar.

Diante de tanto desrespeito e preconceito que atinge as mulheres dentro de um esporte dotado como masculino, procurei identificar como é a conduta escolar e como essas questões tem força dentro deste ambiente. Esta pesquisa busca apresentar diversas situações que alunas

meninas passam dentro e fora da escola por praticarem futsal-futebol; relações familiares e sociais; incentivo, gênero na educação física, discriminação e preconceitos.

Ainda assim, diante da árdua luta pela busca de espaço no meio esportivo e contra situações de preconceito e discriminação em virtude do gênero, as mulheres ganham cada vez mais espaço na sociedade, assim como no futsal e no futebol. O histórico cultural desse esporte ainda contém muitas questões relacionadas ao gênero, discriminação, preconceitos e dificuldades, com baixa divulgação da mídia, valores negativos agregados as praticantes, impostos pela sociedade. E tais valores tem influência também nas escolas, uma vez que, “essas relações configuradas sob influência dos estereótipos sexuais repercutem no esporte escolar e de rendimento e nas aulas de Educação Física, interferindo da prática esportiva” (SARAIVA, 1999, p.87).

No que se refere a pesquisa, os resultados das respostas demonstram que há preconceito de diversas formas, direta ou indiretamente no que se refere ao futsal/futebol feminino, mas que com toda dificuldade a modalidade vem ganhando mais adeptas a pratica é uma maior aceitação pela população. As indicações encontradas, de acordo com os dados da pesquisa são: o maior apoio de amigos e o surgimento de escolinhas de futsal voltadas apenas para o público feminino. Notou se também que a maioria das praticantes tem ciência das relações de poder no futsal, este que resulta notoriamente na desigualdade nas relações de gênero historicamente agregados a sociedade, fazendo com que as mulheres sejam colocadas como coadjuvante na história do futebol.

Outro aspecto notável foi a não aceitação por parte das mães, as praticantes alegam que a maioria não gosta mas também atrapalha, o maior motivo dessa não aceitação é exatamente o medo que essas mães tem que suas filhas virem homossexuais, por ser um esporte com muitas praticantes homoafetivas. A maioria acha que o ambiente pode influenciar na questão sexual de suas filhas. Logo aqui no Brasil este que é denominado o pais do futebol, que deveria agregar a ambos os sexos o prazer de praticar uma paixão nacional, não dotando se é um esporte para mulher ou para homens.

Os trabalhos na área de Educação Física que estudam valores e abordam assuntos relacionados a gênero não foram citados pelas entrevistadas, mas elas afirmam que a maneira como professores executam suas aulas agrega ao esporte de alto rendimento. Todavia, é preciso compreender que sem abordar uma dimensão maior do contexto esportivo, as manifestações de casos de homofobia tendem a ser crescentes dentro do ambiente escolar. Nesse sentido, as participantes se indagam acerca de que até que ponto tais ofensas interferem em seu rendimento

esportivo, assim como que tipo de educação é efetivada nas escolas e o que é possível fazer para alterar tal realidade?

Tais perguntas que instigam os futuros professores, primeiramente a retirar esse caráter esportivista que a educação física escolar carrega e trazer uma educação física crítica indagada por questionamentos dentro e fora das quadras e campo, onde não existe o que é masculino ou feminino e aplicar novos conteúdos, pois o leque é muito grande para se prender a poucos conteúdos.

Por fim desmitificar um ambiente repleto de preconceito, discriminação, machismo, mas sobre tudo mostrar um ambiente de luta, igualdade, aceitação, esforço e dedicação de quem pratica. O lugar da mulher é onde ela quiser.

## BIBLIOGRAFIA

- ALTMANN, Helena. **Rompendo fronteiras de gênero: Marias (e) homens na Educação Física**. Dissertação (Mestrado em Educação Física), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1998.
- ALTMANN, Helena. **Educação física escolar: relações em jogo**. São Paulo: Cortez, 2015. 176p.
- ANJOS, Gabrielle dos. Identidade sexual e identidade de gênero: subversões e permanências. **Sociologias**. Porto Alegre, v.2, n.4, o. 274-305, jul/dez. 2000.
- AUAD, Daniela. **Educar meninas e meninos: relações de gênero na escola**. São Paulo: Contexto, 2006. 96 p.
- BARRETO, Soraya. A representação feminina na mídia esportiva: o caso Fernanda Colombo. **Observatório**. Lisboa, v.10, n.1, jan. 2016.
- BRASIL, DECRETO-LEI Nº 3.199, DE 14 DE ABRIL DE 1941. **Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país**. Brasília, DF, fev 2018. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto-lei/1937-1946/De13199.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De13199.htm). Acesso em: 02 fev. 2018.
- CAMARGO, Wagner Xavier; KESSLER, Cláudia Samuel. Além do masculino/feminino: gênero, sexualidade, tecnologia e performance no esporte sob perspectiva crítica. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, v.23, n.47, jan./abr. 2017.
- CAMPOS, Luciana Maria Lunardi. Gênero e diversidade sexual na escola: a urgência da reconstrução de sentidos e de práticas. **Ciência & Educação**. Bauru, v.21, n.4, 2015.
- DAÓLIO, Jocimar. **Cultura: educação física e futebol**. 2 ed. Campinas: UNICAMP, 2006.
- DARIDO, Suraya Cristina. Futebol feminino no Brasil: do seu início à prática pedagógica. **Revista Motriz**. Rio Claro, 2002.
- DI PIERRO, Carla. Mulher e esporte: uma perspectiva de compreensão dos desafios do Ironman. **Revista Brasileira de Psicologia do Esporte**. São Paulo, v.1, n.1, dez. 2007.
- FERRETI, Marco Antônio de Carvalho; ZUZZI, Renata Pascoti; VIANA, Aline Edwiges dos Santos; VILHA JUNIOR, Fernando Morales. O futebol feminino nos jogos olímpicos de Pequim. **Motriz**. Rio Claro, v.17, n.1, p.117-127, jan./mar. 2011.
- FRANZINI, Fábio. "Futebol é 'coisa para macho'? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol". **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 25, n. 50, 2005.
- GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.19, n.2, p.143-151, abr./jun. 2005.
- HEILBORN, Maria Luiza. Entre as tramas da sexualidade brasileira. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.14, n.1, p.43-59, jan./dez. 2006.
- LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: (org.). O Corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

MADUREIRA, Ana Flávia do Amaral; BRANCO, Ângela Uchoa. Gênero, sexualidade e diversidade na escola a partir das perspectivas de professores e professoras. **Temas em Psicologia**. Ribeirão Preto, v.23, n.3, set. 2015.

MAIA, Ana Claudia Bortolozzi; NAVARRO, Carolina; MAIA, Ari Fernando. Relações entre gênero e escola no discurso de professoras do ensino fundamental. **Psicologia da Educação**. São Paulo, v.32, n.1, 2011.

MALHOTA, N. **Pesquisa de marketing**: uma orientação aplicada. 4.ed. Porto Alegre: Bookman, 2006.

MARQUES, Clarice Gonçalves Pires. Questões de gênero na educação física escolar. **Revista Estudos Feministas**. Florianópolis, v.22, n.3, set./dez. 2014.

MELO, Thalita Carla Lima; ALBUQUERQUE, Silvio Rodrigo Laurindo Oliveira de; SILVA, Fernando Lucas da. Sexualidade e gênero na educação: contexto escolar em Maceió e a adaptação às novas demandas. **Capa**. Maceió, v.3, n.3, 2016.

NICOLAO, Ana Lucia Anauate; PEDRINELLI, André; ZOGAIB, Paulo Sérgio Martino; ORBETELLI, Rogério; NETO, Turíbio Leite de Barros. Influência da maturação sexual no limiar de lactato em jogadoras de futebol. **Revista Brasileira de Medicina no Esporte**. Niterói, v.16, n.4, set./out. 2010.

NUNAN, Adriana. **Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo**. Caravansaraí: Rio de Janeiro, 2003.

SALVINI, Leila; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. “Guerreiras de chuteiras” na luta pelo reconhecimento: relatos acerca do preconceito no futebol feminino brasileiro. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.30, n.2, p. 303-311, abr./jun. 2016.

SALVINI, Leila; SOUZA, Juliano de; MARCHI JÚNIOR, Wanderley. Entre fachadas, bastidores e estigmas: uma análise sociológica do futebol feminino a partir da teoria da ação social de Erving Goffman. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**. São Paulo, v.29, n.4, out./dez. 2015.

SANTANA, Wilton Carlos de; REIS, Heloisa Helena Baldy dos. Futsal feminino: perfil e implicações pedagógicas. **Revista Brasileira de Ciência e Movimento**. Brasília, v. 11, n. 4, p. 45-50, out. /dez. 2003.

SANTOS, Doiara Silva dos; MEDEIROS, Ana Gabriela Alves. O futebol feminino no discurso televisivo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v.34, n.1, p.185-196, jan./mar. 2012.

SARAIVA, Maria do Carmo. **Coeducação Física e esportes**: quando a diferença é mito. Ijuí: UNIJUÍ, 1999.

SILVA, Maria Cecília de Paula et al. **Representação social do futebol feminino na imprensa brasileira**. In: VOTRE, Sebastião José (ed). Representação social do esporte e da atividade física: ensaios etnográficos. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, 1998.

SILVEIRA, Raquel da; STIGGER, Marcos Paulo. Jogando com as feminilidades: um estudo etnográfico em um time de futsal feminino de Porto Alegre. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Florianópolis, v.35, n.1, p.179-194, jan./mar. 2013.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, v.20, 1995.

TEIXEIRA, Fábio Luís Santos. CAMINHA, Iraquitan de Oliveira. Preconceito no futebol feminino brasileiro: uma revisão sistemática. **Movimento**. Porto Alegre, v.19, n.1, p.265-287, jan./mar. 2013.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K. **Métodos de pesquisa em atividade física**. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; PERUCCHI, Juliana. Territorialidade homoerótica: apontamentos para os estudos de gênero. **Revista Psicologia & Sociedade**. Porto Alegre, 2006.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. **Cadernos Pagu**. Campinas, v. 24, p. 127-152, jan./jun. 2005.

UCHOGA, Liane Aparecida Roveran; ALTMANN, Helena. Educação física escolar e relações de gênero: diferentes modos de participar e arriscar-se nos conteúdos de aula. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. v.38, n.2, p.163-170, 2016.

VILANI, Luiz Henrique Porto; SAMULSKI, Dietmar Martin. **Família e esporte**: uma revisão sobre a influência dos pais na carreira esportiva de crianças e adolescentes. In Silame Garcia, Emerson; Lemos, Kátia Lúcia Moreira. Temas atuais VII: Educação Física e Esportes. Belo Horizonte: Editora Health, 2002.

## Apêndice A

A primeira pergunta questionava acerca dos ídolos do futebol, se assistiam aos jogos e se gostariam de ser jogadoras de futsal ou futebol profissionais.

JG1: “[...] Neymar, Cristiano Ronaldo e Messi são os três melhores do mundo e sempre tive como base esses três, o Neymar pelo futebol arte, o típico futebol brasileiro, o Messi pela magia na condução de bola que só ele tem e o Cristiano pelo condicionamento monstro e pela magia em fazer gol. Assistio os jogos sempre, ainda mais do meu time e procuro acompanhar meus ídolos sempre que possível. Jogo bola desde novinha e sempre tive o sonho de me tornar profissional, apesar de ser muito



mais difícil quando o assunto é futebol feminino, mesmo assim eu acredito que posso chegar em um lugar bom com o futebol.[...]"

JG2: "[...] Neymar e Cristiano Ronaldo, primeiro o Neymar por ser brasileiro e por jogar muito bem e segundo o Cristiano pela magia que aquele cara faz com a bola. Assisto mais jogos do meu time, lá em casa não tem TV a cabo então quase não tenho acesso a outros canais que passam a Champions. Ser profissional é o meu grande sonho, treino quase todo dia pensando nisso. [...]"

JG3: "[...] Neymarzeira, Cristiano e Kross porque os três são fodas e principalmente por terem começado tão cedo, o Neymar é um gênio com aqueles dribles, o Cristiano é um mostro no quesito velocidade, potência e habilidade e o Kross é um meia surreal que tem a raça na hora da disputa de bola e que sabe distribuir a bola como ninguém, só tapa fácil. Assisto os jogos quando dá, não fico indo atrás não. Eu acordo todos os dias com essa meta de ser profissional e bem sucedida um dia, a esperança é última que morre como diria minha mãezinha haha. [...]"

JG4: "[...] Messi, Neymar e Bale. O Messi é um exemplo tanto fora como dentro dos gramados, o cara teve muita dificuldade para chegar até onde chegou, e sem falar que ele é um gênio na condução perfeita da bola, o cara não deixa a bola sair nem um palmo a mais que o seu pé, suas passadas são rápidas e sem ataques são certos, acho ele o melhor do mundo sempre, em segundo vem o Neymar que é muito novo ainda, mas é um mito com seus dribles e gols e por fim o Bale por ser o jogador mais rápido do mundo. Gosto de assistir as partidas que esses jogadores estão, gosto de inspirar meu futebol no deles. Eu acredito que um dia vou ser profissional e mais que isso um dia eu vou ser a melhor do mundo. [...]"

JG5: "[...] Messi, Cristiano e Marta. O Messi por ser o gênio das cinco bolas de ouro juntamente com o Cristiano e a Marta por ser mulher e por ser uma gênio dentro dos gramados, sempre me inspirei nela. Eu tento assistir aos jogos mais femininos mas são poucos divulgados e dificilmente passam na TV aberta, então eu vejo o que consigo pela internet. Eu vou ser profissional, não tem nem jeito.[...]"

JG6: "[...] 100% fã da Marta ela é foda um exemplo, eu gosto do Neymar, mas ele teve algumas atitudes que não concordei quando foi capitão da seleção. Já fui muito de acompanhar futebol, mas hoje em dia é mais complicado, não tenho TV a cabo e esses jogos da TV aberta quase não passam jogos femininos, isso é desmotivador. Já sonhei em ser jogadora profissional, mas hoje já não é mais minha prioridade, o futebol feminino não tem oportunidade e também não me acho tão boa. [...]"

JG7: "[...] Marta e Cristiano Ronaldo, a Marta por ser a melhor do mundo e ter um brilho no jeito de jogar e o Cristiano por ser uma máquina de fazer gols. Acompanho mais jogos do meu time, isso quando passam na TV aberta, mas costumo ver alguns jogos de futsal feminino na internet. Eu penso em me tornar profissional bem às vezes, acho muito difícil e desvalorizado. Sem contar a diferença salarial e todo o preconceito que você passa. [...]"

JG8: “[...] Sou fã da Marta, mas não só por que ela é mulher, mas sim por ser uma grande profissional e representante do futebol feminino e mesmo com o não reconhecimento do seu grande potencial e do seu profissionalismo, com toda a diferença salarial, ela sempre dá o melhor de si dentro de campo e principalmente nunca se rendeu ao dinheiro, sabemos que o futebol lá fora é muito mais valorizado, ela poderia muito bem estar defendendo outra seleção com tanto potencial. Ela mostra que o futebol não é coisa de menino e que existe sim mulheres tão boas quanto homens, quebrando esse tabu de uma sociedade padronizada e ultrapassada. O processo igualitário é algo que viemos construindo pouco a pouco, um dia vamos chegar lá. Eu acompanhava futebol, mas comecei a trabalhar e acabei não tendo mais tempo. Pela dificuldade, hoje em dia não pretendo mais ser uma profissional, acho que o futebol me proporcionou muitas experiências tanto negativas como positivas e por isso não pretendo sofrer tanto para alcançar algo na vida. O futebol virou um hobby hoje em dia. [...]”

JG9: “[...] A Marta pelo brilho e futebol arte que ela apresenta dentro de campo e por toda sua trajetória de coragem e de persistência em algo tão difícil e desvalorizado. Neymar por ser um mágico e comandante de um futuro para a seleção brasileira. Assisto sempre que o Neymar vai jogar e quando meu time joga. Ainda tenho esperanças de me tornar profissional. [...]”

JG10: “[...]Neymar e Cristiano Ronaldo porque são surreais o futebol que esses caras apresentam é muito bom. Olha eu queria muito dizer que a Marta é minha inspiração, mas quase não vejo nada sobre ela, eu mesma só tenho acesso a futebol masculino. Vejo mais os jogos que passam em TV aberta, pois não tenho TV a cabo. Já pensei muito em ser profissional, hoje me dá já me acho velha para a modalidade. [...]”

Posteriormente a primeira pergunta, indaguei as meninas acerca da falta de citação de mulheres, também disse quais eram meus atletas favoritas e porque fazia questão de acompanhá-las.

JG3: “[...] Caramba eu esqueci de falar sobre a Marta, admiro muito o futebol dela, sei o quanto ela sofreu para chegar onde chegou e o que mais me deixa triste é ver que o salário dela que é a melhor do mundo não chega nem perto de nenhum desses jogadores que as meninas falaram e que eu também falei. [...]”

Prosseguimos para a segunda pergunta, na qual foi questionado se praticam futsal nas aulas de educação física, se sofrem algum tipo preconceito ou discriminação por gostarem do esporte e se perderam alguma amizade feminina ou masculina por conta da prática esportiva.

JG1: “[...] Se não tiver fut eu nem quero fazer aula, prefiro ficar sentada. Dificuldade sempre tem, pois os meninos, na maioria das vezes, não querem deixar a gente jogar. Às vezes dizem quem vamos nos machucar ou que não sou boa o bastante para fazer parte do time deles, enfim, eu não ligo, me meto no meio mesmo e jogo de qualquer jeito. O futebol sempre me rendeu muitas amizades, os meninos falam em quadra quando chega na sala eu nem lembro mais. [...]”

JG2: “[...]. Desde sempre há futsal nas aulas de educação física, não que eu queira só jogar futsal nas aulas, mas quando o professor deixa livre eu me amarro. Acho que todas aqui vão falar que sofrem as mesmas dificuldades! Comentários preconceituosos, como “você vai se machucar, depois não vem dizer que eu não avisei”. Enfim, às vezes escuto tanta coisa besta, que dá vontade de sei lá, desistir de tudo. Nunca perdi nenhuma amizade por conta do futebol. [...]”

JG3: “[...] Futebol é a melhor parte da educação física, se for só futsal eu já fico feliz. Tudo que as meninas falaram e mais os comentários das minhas próprias amigas, do tipo “nossa não entendo como você gosta de jogar com esses meninos, você vai se machucar eles são muito fortes”. Aquele blábláblá de sempre. Sempre gostei de ter mais amigos do que amigas, apesar de todo papo fiado deles eu prefiro amizade masculina, me incentivam mais. [...]”

JG4: “[...] Eu conto os dias e as horas para ter educação física, yupe! Se não tiver o futezinho eu nem quero. Mesmo quando o professor passa uma coisa diferente nas aulas, no final ele sempre libera e deixa um tempo livre. As dificuldades sempre são as mesmas, comentários chatos e machistas em questão de eu gostar de jogar. “Vai jogar queimada, não entendo por que ainda insiste em jogar”. Nem ligo mais, finjo que nem escuto e bora jogar. Nunca perdi nenhuma amizade não. [...]”

JG5: “[...]. Desde sempre tem fut na educação física. As dificuldades são só em questão dos erros na hora do futebol, os meninos acham que sou mais lenta ou que erro demais, qualquer erro é uma crucificação, me irrita as vezes. Enfim, quero é jogar. O futebol me deu muitas amizades. [...]”

JG6: “[...] Sempre joguei futsal na escola, inclusive sempre tem uns campeonatos, porém meninas são separadas dos meninos. Na educação física em si a gente que joga acaba escutando muita coisa besta que desmotiva, como por exemplo “poxa professor ela só vai atrapalhar, não entendo porque gosta de se machucar”, até por parte das meninas do, como “vixe é sapatão certeza vou passar bem longe”. E sobre amizades eu nunca perdi nenhuma por conta do futebol, pode ter acontecido de não ter feito mais por conta do preconceito. [...]”

JG7: “[...] Então, sempre participei das aulas de futsal e gosto muito quando o conteúdo é esse, mas sempre me desmotivo bastante. Os comentários são baixos, já teve amiga minha que saiu machucada por querer jogar bola, foi fazer uma gracinha com a bola e um dos meninos foi lá e entrou com tudo só pra machucar ela, ainda dizendo que se ela queria igualdade ele apenas estava proporcionando isso. Puff! É lamentável ver esse tipo de situação. Sobre amizades, sempre deixei aberto meus gostos e meus amigos sempre foram os melhores, nunca perdi nenhuma amizade por conta do futebol não. Na verdade, se eu perdesse uma amizade por causa que jogo bola, definitivamente eu não queria nem ter feito. [...]”

JG8: “[...] Me amarro quando as aulas são de futsal, eu gosto dessa parte mais técnica do futsal, mas como todas já falaram e acho que não sou muito diferente, o preconceito ainda é muito grande. Quando as meninas conseguem entrar e jogar a maioria não toca a bola, e quando toca, vem alguns na maldade mesmo, gosto de jogar de igual para igual,

mas tem certas coisas que são difíceis de ver. Nunca perdi nenhuma amizade por conta do futebol não. [...]"

JG9: "[...] Sempre joguei futsal na escola e sempre foi mais tranquilo, pois eu procurava me enturmar mais com eles, apesar de terem muitos comentários maldosos, eu quase nunca ligava. Nunca perdi nenhuma amizade, mas sim pelo contrário, já fiz muitas amizades por conta do futebol. [...]"

JG10: "[...] Futsal é o melhor conteúdo, se não tiver fut eu nem quero educação física. Sempre tem esses comentários, no meio dos amigos, amigas e não seria diferente no meio de um bando de meninos jogando bola. Eu já acostumei, pois quanto mais você bate de frente mais as coisas ficam chatas, então prefiro não falar nada, meu silêncio é a resposta perfeita para tanta ignorância. E sobre amizades, sempre fiz bastante por conta do futebol. [...]"

A terceira pergunta indagava acerca do incentivo dos pais e amigos quanto a prática esportiva do futebol e futsal.

JG1: "[...] Meus pais são mais jovens então super tenho apoio de ambas as partes, inclusive minha mãe sempre fala que estou atrasada para os treinos, meu pai vai nos jogos, me corrige quando estou tendo uma postura diferente. Com relação ao incentivo, procuro dizer que sou uma menina de sorte. Meus pais e meus amigos sempre me ajudaram muito, meu namorado vai em todos os meus jogos, ele é foda. [...]"

JG2: "[...] Meu pai até incentiva, mas minha mãe sempre fica me questionando dizendo que tem coisa mais produtiva do que ficar jogando bola, meus amigos, os mais próximos, me incentivam muito, minha namorada é a principal. [...]"

JG3: "[...] Lá em casa eu só tenho incentivo de Deus mesmo, risos! Até meus irmãos ficam me enchendo o saco dizendo que o futebol vai me desvirtuar, que isso não é coisa de meninas, que todas as meninas que jogam gostam de outras meninas. Minha mãe diz que tem muitos afazeres em casa, que é melhor eu lavar uma louça do que ir correr atrás de bola. Tenho incentivo por parte dos meus amigos. [...]"

JG4: "[...] Meus pais me apoiam demais, já minha mãe não gosta muito. Porém, não me impede de ir às aulas de futsal. Apenas diz que não quer que eu fique jogando com menino porque vou me machucar. Minhas amigas a maioria jogam bola, então sempre tive muito incentivo por meio delas. [...]"

JG5: "[...] Meus pais não falam nada, dizem que é um esporte comum. Meu irmão vai nos jogos e gosta de sempre me acompanhar, minhas amigas sempre falam quem sou muito talentosa que não deveria ficar no Brasil e ir investir nisso. [...]"

JG6: "[...] Sempre joguei futsal desde novinha, inclusive, foi meu pai quem correu atrás de uma escolinha e me colocou, mas escolinhas só para mulheres eram quase impossíveis, então eu jogava com os meninos. Minha família sempre me incentivou bastante, até porque minha mãe jogava futebol, mas o pessoal da minha rua sempre falava para os meus pais que futebol era coisa de menino. [...]"

JG7: “[...] No começo minha mãe achava bem legal, me acompanhava e até mesmo jogava comigo, mas isso se deve ao histórico da minha família, eu vim do Sul e lá as mulheres não sofrem tanto assim. Já fazem 3 anos que estou em Brasília e são 3 anos de luta familiar explicando os porquês, de mesmo sofrendo tanto preconceito eu insista em jogar. Minha mãe, que era meu pilar, hoje em dia não quer mais deixar que eu jogue. Incentivo só da parte dos amigos porque em casa eu procuro nem falar sobre futebol. [...]”

JG8: “[...] Minha família aceita, mas não me apoia. Meu pai fala que isso não é coisa para mulher, diz que sai na rua e os amigos dele ficam falando sobre o fato de eu jogar bola, que ele tem que parar de deixar a filha dele no meio de um bando de homem, que isso só vai prejudicar ela. Enfim, eu tenho apoio só dos meus primos que moram perto e dos meus amigos. De quem a gente mais espera apoio nessas horas é de onde que sai a maior forma de preconceito, já tive vários namorados que falavam que não gostavam de me ver jogar porque seus amigos falavam que estava errado, um deles ele até questionava sobre quando eu fosse encontrar com os pais dele e o pai dele me perguntasse o que eu fazia e eu respondesse que era zagueira do time de São Sebastião, o quanto eu não faria ele se envergonhar. [...]”

JG9: “[...] Meus pais não se importam que eu jogue, mas não me apoiam. O único apoio mesmo que eu tenho é da minha irmã mais velha, pois ela sempre procura ir aos meus jogos e me liga para saber como foram; já para os meus amigos é aquele leve tanto faz, nunca falaram nada. [...]”

JG10: “[...] Meus pai sempre me apoiou, sempre vai aos jogos e procura estar por perto me incentivando. Por outro lado, minha mãe diz que é péssimo ter uma filha que joga futebol. É difícil escutar essas coisas, mas acaba que a gente acostuma. [...]”

A quarta pergunta era acerca da experiência de questionamento acerca da sua opção sexual pelo fato de jogarem futebol.

JG1: “[...] Eu tinha quase certeza que você faria alguma pergunta sobre essa questão. Mulher que joga bola é considerada sapatão pela maioria das pessoas. É claro que já me questionaram, até mesmo meus pais já me perguntaram, eles são bem abertos e sempre conversam comigo. Eu namoro um homem hoje em dia, mas gosto de pessoas, confesso. Não ligo muito para opinião alheia, o que importa é que minha família sabe e principalmente meu namorado. Mas grande parte da sociedade tem o pensamento de que toda mulher que joga futsal é homossexual. Na maioria das vezes em que passei por situação de preconceito, foi por fato de ser taxada de homossexual pelo simples motivo de ser atleta de futsal.” [...]”

JG2: “[...] Eu sou lésbica e confesso que me encontrei mais nesse meio do futebol. Me sinto bem a vontade quando estou com as meninas que jogam futebol, a maioria é gay e as que não são, são bissexuais. É uma galera bem mais aberta, então nunca escondi dos meus amigos a minha opção sexual, mas em casa é mais complicado. Minha mãe tem certeza que sou gay, mas se finge de cega e ainda põe a culpa no futebol, meu

pai sempre diz que o futebol não tem nada a ver com a opção sexual que a pessoa escolhe. [...]"

JG3: "[...] Meus pais são os mais questionadores, dizem que futebol não é coisa de mulher. Meu pai se refere às jogadoras de futsal como gays, diz que todas as mulheres que jogam futebol são sapatão e meus irmãos sempre falam que quem não é vai virar, porque o futebol é uma forte influência a homossexualidade. Meus amigos e amigas sabem do que eu gosto então eu não ligo muito. [...]"

JG4: "[...] Acho que meus pais suspeitam, mas fingem que tá tudo bem pois tenho certeza que eles têm medo do que vou responder. Meus amigos ficam enchendo a paciência, principalmente os da escola, falam que sou maria macho porque jogo bola, então finjo que nem vejo, mas os principais comentários surgem quando estamos jogando. [...]"

JG5: "[...] Minhas amigas me encham de perguntas sobre minha sexualidade e principalmente por dizerem que uma ou outra se salva nesse meio do futebol. Meus pais nunca me perguntaram, ainda bem. [...]"

JG6: "[...] Meus pais são bem abertos, minha mãe fala que futebol é coisa de menina sim e que não vai ser porque eu jogo bola que necessariamente eu vá gostar de outras meninas. Os questionamentos vêm por parte de outros familiares e de muitas amigas. [...]"

JG7: "[...] As coisas lá em casa começaram a ficar mais difíceis depois que eu disse que gostava de meninas. Minha mãe ia aos meus jogos e hoje em dia ela não suporta nem que eu fale sobre o futebol, pois ela acredita que foi uma forte influência para que eu gostasse de pessoas do mesmo sexo que o meu. Enfim, meus amigos todos sabem e não falam nada, sou bem aberta com isso. [...]"

JG8: "[...] Meu pai sempre fala para minha mãe que eu vou acabar me tornando uma sapatona, só porque eu gosto de futebol. Meu pai é super preconceituoso com isso, sempre me questiona. Meus amigos às vezes soltam umas piadinhas, mas finjo que nada tá acontecendo. [...]"

JG9: "[...] Eu já estava esperando você me perguntar sobre isso, aliás, todas as pessoas perguntam se eu sou homossexual somente pelo meu desejo explícito em jogar futebol. A sociedade ainda é muito preconceituosa, não é só porque eu ando de chuteira e gosto de jogar bola que necessariamente eu vá gostar de pessoas do mesmo sexo que o meu. Meus pais fingem que não sabem e nem me perguntam, acho que eles morrem de medo da resposta. Meus amigos são tranquilos em relação a isso. [...]"

JG10: "[...] Meus pais sabem da minha opção sexual e meu pai não se importa, pois segundo ele, é até melhor que eu goste de mulher mesmo, risos! Minha mãe morre de vergonha, procura nem ter muito convívio comigo, mal chega a perguntar se estou bem. Meus amigos me perguntaram sempre de cara se eu era homossexual, acho que minha aparência sempre deixou isso bem nítido, sacas. [...]"

**Anexo A**

**Universidade de Brasília  
Faculdade de Educação Física  
Trabalho de conclusão de curso**

**Roteiro de entrevistas com professores e alunos****Projeto:**

**Nome do pesquisador:** Janaina Bezerra

**Sujeito(s) participante(s):** Alunas do ensino médio

**Tema a ser investigado:** Gênero, Futsal e Educação Física Escolar

**Breve justificativa do tema:** diferentes formas de tratamentos para meninos e meninas, que levaram ao interesse em compreender sobre o assunto e investigar como se dão essas questões atualmente.

**Técnica(s) de investigação:**

Entrevista semiestruturada com roteiro flexível.

**QUESTIONÁRIO****Informações sobre os estudantes de ensino médio:**

Idade: \_\_\_\_\_

Mora em qual quadra e bairro?

Sexo: ( ) Masculino ( ) Feminino

Nível de escolaridade:

( ) 1º ano

( ) 2º ano

( ) 3º ano

1. Quanto tempo pratica futsal dentro da escola

( ) 1 a 2 anos

( ) 3 a 4 anos

( ) 5 a 6 anos

( ) 7 a 8 anos

( ) Mais de 9 anos

2. Quanto tempo pratica futsal fora da escola

( ) 1 a 2 anos

( ) 3 a 4 anos

( ) 5 a 6 anos

( ) 7 a 8 anos

( ) Mais de 9 anos

3. As aulas de Educação Física são sempre bem diversificadas.

( ) Concordo totalmente

( ) Concordo parcialmente

( ) Indiferente

( ) Discordo parcialmente

( ) Discordo totalmente

4. Quais são os conteúdos/aulas que já tive este ano na Educação Física Escolar?

( ) aulas de futebol/futsal

(...) aulas de voleibol

( ) aulas de basquetebol

(...) aulas de atletismo

(...) aulas de handebol

(...) aulas de dança

(...) aulas de ginástica

(...) aulas de jogos e brincadeiras

(...) aulas de lutas

(...) Outras. Especifique \_\_\_\_\_

5. O professor de Educação Física trata meninos e meninas de forma diferente nas aulas.

( ) Concordo totalmente

( ) Concordo parcialmente

( ) Discordo parcialmente

( ) Discordo totalmente

6. O professor separa a turma entre meninos e meninas nas aulas de Educação Física.

( ) Concordo totalmente



- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Indiferente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Discordo totalmente

7. Caso positivo, em que ocasiões isso acontece?

- ☐ nas aulas de futebol/futsal
- ☐ (...) nas aulas de voleibol
- ☐ nas aulas de basquetebol
- ☐ (...) nas aulas de atletismo
- ☐ (...) nas aulas de handebol
- ☐ (...) nas aulas de ginástica
- ☐ (...) nas aulas de jogos e brincadeiras
- ☐ (...) nas aulas de lutas
- ☐ (...) Outras. Especifique \_\_\_\_\_

8. Eu gosto/gostaria de fazer aula de Educação Física separado do sexo oposto

- ☐ Concordo totalmente
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Indiferente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Discordo totalmente

9. Eu gosto/gostaria de jogar futsal junto ao meninos.

- ☐ Concordo totalmente
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Indiferente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Discordo totalmente

10. Existe discriminação dos alunos de sexo oposto no momento de realização das aulas.

- ☐ Concordo totalmente
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Indiferente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Discordo totalmente

11. Já sofri discriminação do sexo oposto nas aulas de Educação Física por querer/jogar futsal

- ☐ Não
- ☐ Sim. Mas apenas uma vez.
- ☐ Sim. Mas poucas vezes.
- ☐ Sim. De vez em quando isso acontece.
- ☐ Sim. Isso acontece muitas vezes.

12. Quando ocorre algum conflito oriundo do contato/convívio de meninos e meninas nas aulas de Educação Física qual a postura do professor (pode marcar mais de uma resposta)

- ☐ O professor busca a conciliação entre os envolvidos.
- ☐ O professor busca a reflexão coletiva da turma sobre o ocorrido.
- ☐ O professor fica indiferente ou se omite quando ocorre isso
- ☐ O professor busca a punição dos envolvidos
- ☐ O professor busca cumprir as consequências definidas pela quebra de acordo coletivo previamente combinada com toda a turma.

13. Já fui agredido(a) por colega de turma no sexo oposto nas aulas de Educação Física?

- ☐ Concordo totalmente
- ☐ Concordo parcialmente
- ☐ Indiferente
- ☐ Discordo parcialmente
- ☐ Discordo totalmente

14. Como foi a forma em que se deu essa agressão/violência?

- (...) Verbal (xingamentos, gritos etc.)
- (...) Física
- (...) Simbólica/Psicológica (ignorar, tratar mal, etc.)